

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Patrício Ceretta

**A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA**

Santa Maria, RS
2018

Patrício Ceretta

A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer

Santa Maria, RS
2018

Ceretta, Patrício
A ética na formação de professores da educação básica /
Patrício Ceretta.- 2018.
94 f.; 30 cm

Orientador: Luiz Gilberto Kronbauer
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2018

1. Ética 2. Hermenêutica 3. Formação de Professores I.
Kronbauer, Luiz Gilberto II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

© 2018

Todos os direitos autorais reservados a Patrício Ceretta. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

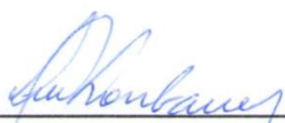
E-mail: patricioceretta@yahoo.com.br

Patrício Ceretta

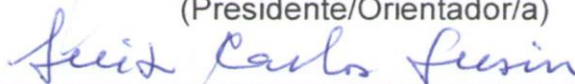
A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito final para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

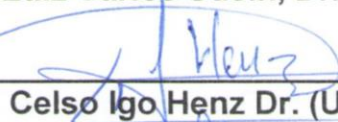
Aprovado em 05 de julho de 2018:



Luiz Gilberto Kronbauer, Dr. (UFSM/RS)
(Presidente/Orientador/a)



Luiz Carlos Susin, Dr. (PUCRS)



Celso Igo Henz Dr. (UFSM/RS)



Valeska Maria Fortes de Oliveira Dr.^a (UFSM/RS)

Santa Maria, RS
2018

RESUMO

A ÉTICA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

AUTOR: Patrício Ceretta

ORIENTADOR: Luiz Gilberto Kronbauer

A Dissertação, “A Ética na Formação de Professores da Educação Básica”, que apresento para o Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, na Linha de Pesquisa: Formação, Saberes e Desenvolvimento Profissional, reflete sobre a importância da mesma na formação de professores, com atenção especial para: Identificar os espaços e tempos dedicados ao estudo de Ética durante a formação docente em Cursos de Pedagogia e outros de formação docente; a partir de uma compreensão de Ética, argumentar acerca da importância do estudo acadêmico da mesma, tanto em seus aspectos sistemáticos quanto ao conhecimento das teorias filosóficas sobre a moral, para mostrar que comportam elementos fundamentais para a compreensão da prática dos professores; contribuir para a formação de profissionais da educação autônomos e criteriosos em sua práxis e diante da repercussão social e política da mesma. No problema de pesquisa pergunta-se por que a Ética, como disciplina acadêmica, é fundamental no processo de formação inicial nos Cursos de Formação de Professores para a educação básica, em geral e especificamente nos Cursos de Pedagogia. A Hermenêutica Filosófica, de Hans-Georg-Gadamer, serve de referência teórico-metodológica na tentativa de responder à pergunta e perseguir os objetivos anunciados. É uma pesquisa bibliográfica, interpretativa, em conversação com autores como Adolfo Sanchez Vazquez, Adela Cortina, Edgar Morin, Enrique Dussel, Boaventura de Souza Santos e Leonardo Boff. Na parte final do trabalho levanta-se a suspeita de que a ausência desta temática na formação pode facultar a desumanização das relações, que leva à banalização, à agressividade e à violência nas relações pedagógicas e mostrar que uma Ética da Alteridade ajudaria a recuperar a solidariedade e o compromisso de cuidado dos outros e do mundo. Espera-se que a pesquisa lance desafios para que educadores/as prestem mais atenção às implicações Éticas e políticas de sua práxis e contribuir para a reflexão mais criteriosa, que incide sobre o próprio comportamento, também pelo acesso às tematizações sobre si mesmo, os outros e o mundo.

Palavras-chave: Ética. Hermenêutica. Formação de Professores.

ABSTRACT

ETHICS IN THE TRAINING OF BASIC EDUCATION'S TEACHERS

AUTHOR: PATRÍCIO CERETTA
ORIENTER: LUIZ GILBERTO KRONBAUER

The dissertation “Ethics in the Formation of Teachers of Basic Education”, presented to the Masters Course of the Post-Graduation Program in Education, in the line of research: Formation, Knowledge and Professional Development, reflects upon the importance of Ethics in the formation of teachers, with a special attention to: identifying the spaces and times dedicated to the study of Ethics during the teacher formation of pedagogy courses and others of faculty formation; stemming from a comprehension of Ethics, arguing about the importance of the academic study of it, both in it's systematical aspects, as well as in the knowledge of the philosophical theories about moral, to show that both provide fundamental elements to the comprehension of the practice of teachers; contributing to the formation of educational professionals who are autonomous and thoughtful in relation to their praxis and the social and political repercussion of it. The research question asks why Ethics, as an academic discipline, is fundamental in the formation process of the Teacher Formation Courses to the basic education, in general and specifically in the Pedagogy Courses. The Philosophical Hermeneutics, of Hans-Georg Gadamer, serves as a theoretical and methodological reference in the attempt to answer said question and pursue the before mentioned objectives. It is a bibliographic and interpretative research, in conversation with authors such as Adolfo Sanchez Vazquez, Adela Cortina, Edgar Morin, Enrique Dussel, Boaventura de Souza Santos and Leonardo Boff. In the final part of this work, it is raised the suspicions that the lack of this thematic in the formation may result in the dehumanisation of the relationships, that leads to the banalization, aggressiveness and violence in the pedagogical relationships and show that an Ethics of Alterity would help in recovering the solidarity and care commitment towards others and the world. This research is expected to challenge educators to pay more attention to the ethical and political implications of their praxis and to contribute to a more thoughtful reflection about behavior itself, through the access to thematizations about it, others and the world.

Keywords: Ethics, Hermeneutics, Teacher Training

AGRADECIMENTOS

Agradeço:

*Aos meus pais: **Maria Eugenia Rech** e **José Ceretta**, pequenos agricultores, com pouco estudo acadêmico e muita sabedoria de vida, que criaram os sete filhos com dignidade, dedicação, esforço, muito trabalho e educação.*

*Aos meus irmãos, **Vianej**, **Tadeu Jassinto**, **Lucia Veroní**, **Salete**, **Carlos Agostinho** e **Fábio**, que possuem um conhecimento diferente tão importante a semelhança do acadêmico.*

Ao Prof. Luiz Gilberto, pessoa sábio e admirável, que durante a orientação teve muita paciência, ajudou a alargar meu horizonte de conhecimento intelectual, humano e linguagem acadêmica.

A Larissa, que durante muitas tardes se disponibilizou a ler conjuntamente e em voz alta, Gadamer, “Verdade e Método”. principalmente por corrigir todos os meus textos. A Laisa Almeida, amiga e colega da linha (LP3) que, nos estudos compartilhados, ensinou dar tempo ao tempo, um olhar diferenciado e sensível sobre a pesquisa e a própria escrita.

Por fim, ao grupo de convivência da rede social, que foi um suporte de distração, divertimento e troca de informação e experiências.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	8
1	MEMÓRIAS	14
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DA TEMÁTICA	21
2.1	OS SUJEITOS DA FORMAÇÃO INICIAL	26
3	RAZÕES E MOTIVAÇÕES PARA ESTUDAR A TEMÁTICA	30
4	ASPECTOS EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICOS	34
5	PARA COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES	41
5.1	PARA NOS ENTENDERMOS: O QUE É ÉTICA?	46
5.2	O SIGNIFICADO DE ÉTICA DE ACORDO COM ALGUMAS DEFINIÇÕES DE BEM	51
5.3	IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DOCENTES ...	58
6	CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS: REFERENCIAIS DE ÉTICA PARA A EDUCAÇÃO MORAL	63
6.1	ENRIQUE DUSSEL: POR UMA ÉTICA DA LIBERTAÇÃO	64
6.2	A ÉTICA NO SABER E NO VIVER – CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN	68
6.3	A ÉTICA COMO REFERÊNCIA NA MUDANÇA EPISTÊMICA	72
6.4	ÉTICA DO CUIDADO	76
6.4.1	Cuidado de si	78
6.4.2	Cuidado do outro	81
6.4.3	O mundo como uma casa comum – por uma ética ambiental	82
7	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – para colocar um ‘ponto’	87
	REFERÊNCIAS	91

INTRODUÇÃO

A palavra *Ética*¹ é o núcleo central desta dissertação. Palavra que, na Língua Portuguesa tem a classificação de “substantivo feminino”, ou seja, ela evidencia uma essência, e no caso específico, essa palavra evidencia algo essencial ao processo formativo de professores e à prática docente. Mas essa palavra já tem uma longa história na tradição ocidental. Desde a antiguidade grega, a *Ética* desperta nos ouvintes e nos estudiosos uma necessidade de discussão, desconstrução e reconstituição do comportamento em sociedade. Ao longo da história, diferentes pensadores de renome, como Platão, Aristóteles, Kant, Spinoza, Hegel, Nietzsche, Habermas, para citar alguns, debruçaram-se sobre este tema e construíram diferentes formas de expressar essa ‘ciência’ ou a filosofia acerca do comportamento moral dos seres humanos em sociedade.

Em tempos de mudanças epistêmicas agudas, como a que estamos vivendo, faz-se necessário recorrer a alguns fundamentos do conhecimento humano, principalmente quando nos referirmos à formação de professores que atuarão na Educação Básica e, por conseguinte, contribuirão na formação de caráter das crianças que estarão sendo conduzidos por tal profissional, na Educação infantil e nas series iniciais, período tão profícuo na formação e assimilação de valores.

Ao fazermos uma distinção no campo conceitual entre *Ética* e moral, queremos demonstrar que este estudo tem implicâncias estruturantes, a *Ética* no campo reflexivo, e a moral na prática docente, ultrapassando os limites da universidade e refletindo na própria vida das pessoas implicadas.

Este estudo procura desmistificar o significado moralista de moral e o dogmatismo de que está acompanhado o uso comum e abordá-la desde sua raiz etimológica, em que denota o costume ou maneira das pessoas agirem em sociedade, pois de uma ou de outra maneira, todas estão implicadas no processo de aprendizagem ou ensino, trazendo para o meio educacional tais compreensões de mundo.

O interesse de pesquisar essa temática surgiu a partir de vivências feitas ao longo da vida, de modo particular, durante a prática docente e que se inscreveram na minha experiência, suscitando o interesse mais específico pela importância da *Ética* na formação de professores, pois, no convívio diário com os mesmos e com os

¹ Por uma necessidade formal, usaremos a palavra *Ética* sempre em maiúsculo a não ser nos casos de citação direta ou indireta.

estudantes, evidenciaram-se muitos desafios e lacunas com relação à temática e que se pretende desenvolver ao longo deste escrito.

Este trabalho se insere dentro do contexto da formação de Professores. Foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), linha de pesquisa Formação Saberes e Desenvolvimento Profissional – LP1. Para tal formulamos o problema da seguinte maneira: *como a Ética, enquanto disciplina acadêmica, pode ajudar a compreender essa educação moral e a refletir criticamente sobre que tipo de formação moral se está efetivando na prática pedagógica, isto é, para quais modos de sensibilidade e de consciência moral se está educando na prática?*

Tem por objetivo geral tematizar a questão da Ética na formação de professores, identificando qual espaço ocupa nesse processo, e como uma disciplina com essa finalidade poderia contribuir para uma formação moral mais humanizadora e crítica diante da realidade que vivemos e dos desafios impostos pela sociedade capitalista e de mercado. Tem por objetivos específicos, refletir sobre a importância da ética na formação; demonstrar que o estudo da Ética, mesmo em nível teórico, é importante e traz elementos fundamentais a prática dos professores; apresentar as implicações de tal estudo na vida pessoal, em tempos de mudanças epistemológicas e no cuidado da casa comum.

A relevância dessa temática se dá justamente por ser uma reflexão que relaciona a formação de professores e a Ética como sendo essenciais ao processo. Dessa forma, contribuindo para que os professores saibam o que estão fazendo e as consequências desse fazer na vida e na prática de sua docência, pois de uma ou de outra maneira todos fazem educação moral, mesmo que não tenham consciência de tal ação. Ajuda a questionar, problematizar sua forma de agir, em vista de uma Ética das virtudes, do respeito e da cooperação, colocando em evidência pressupostos indispensáveis para a vida humana e não humana.

Essa pesquisa será bibliográfica do tipo qualitativa, utilizando pensadores da área da filosofia, como Vázquez (2005), Cortina e Martinez (2005) para fundamentar a questão da Ética e da moral e, autores da área da educação, como Nóvoa (1992) e Tardif (1991), para a fundamentação teórica relacionada à formação de professores. Além disso, outros autores como Souza Santos (2011), Jonas (2011), Dussel (1977), Boff (2014), Gadamer (2015) ajudarão no diálogo e no entendimento da temática pesquisada. Usaremos como metodologia a Hermenêutica filosófica de Gadamer.

O trabalho é dividido em sete capítulos com algumas subdivisões para melhor exposição das ideias e entendimento do texto, sendo que faremos uma trajetória começando pelas memórias de minha infância, passando pela problemática da pesquisa, relevância do tema, definições epistêmicas e terminológicas, chegando a vislumbrar as consequências de tal estudo para a formação pessoal e para a vida.

O primeiro Capítulo, “Memórias”, tem por objetivo resgatar algumas memórias de experiências feitas na minha infância, na adolescência e na juventude que hoje consigo perceber como sendo um fundamento para essa pesquisa, ainda que se distanciem significativamente no tempo.

No segundo capítulo, tratamos do “Problema da Pesquisa” e dos fatores que assentam esta investigação, de maneira direta e mais ampla, acerca da Ética na formação de professores. Para além disso, indicamos a juventude como atores importantes desse processo formativo, uma vez que, durante o período acadêmico, é a maioria dos que fazem o processo, cremos que são os sujeitos asujeitados dessa formação, expoente entre o passado e o futuro, por isso uma cessão dentro do capítulo.

O terceiro capítulo apresenta “a relevância do estudo” do tema da Ética na formação de professores na atual conjuntura Sociopolítica e, de modo particular, na realidade da formação de professores de ensino fundamental e séries iniciais, dando a estes argumentos fortes para se darem conta das implicações de seu fazer e do lugar da Ética no processo de ensino aprendizagem.

No quarto capítulo apresentamos algumas “razões e motivações para estudar o tema” da Ética, uma vez que na educação não há receita pronta, mas se está trabalhando com seres inacabados. Diante da crise moral que assola a vida e convívio de todos e a demanda trazida pelo mundo digital, apresentamos algumas motivações para o estudo.

O quinto capítulo é especificamente para a “questão metodológica”, como já indicamos acima, de abordagem qualitativa, com estudo bibliográfico de diferentes autores. Adotamos essa opção por entender que a pesquisa nasce da realidade e se faz necessária uma relação com a tradição filosófica, registro dos teóricos da educação e da área dos saberes pedagógicos, para que teoria e prática estejam justamente interlaçadas e contribuindo na formação inicial e continuada em vista de um melhor desenvolvimento profissional.

Já o sexto capítulo, traz a “importância da Ética no processo da formação”. O caminho de entrada para essa reflexão se dá a partir dos teóricos da educação e

suas compreensões do que é e quais as implicações da formação de professores. Deu-se ênfase às diferentes teorias Éticas constituídas ao longo da história e, principalmente a que serviu para nossa reflexão, é importante lembrar que não foram aprofundadas nem abordadas todas as correntes por uma questão de delimitação de nosso trabalho. Neste capítulo indicamos qual definição de Ética seguiremos, por conseguinte a distinção entre Ética e moral.

O sétimo capítulo é uma espécie de ensaio para indicar possíveis temáticas atuais ou referências teóricas para ajudar a pensar com mais critérios a Educação Moral de crianças e adolescente. Dado à situacionalidade do pensar, consideramos interessante a opção por uma perspectiva Ética Latino Americana de Ética, no sentido de construir uma reflexão a partir da realidade concreta dos povos deste lado sul do planeta. Isso pode ser particularmente interessante, porque coloca no centro de nosso olhar os pobres, os excluídos, os que são inteiramente desassistidos, os indígenas que são os povos nativos de nosso continente, os negros escravizados pelo sistema sócioeconômico, as mulheres até hoje marginalizadas pelo machismo, os que são invisíveis ao sistema capitalista neoliberal. Como a Ética é a reflexão sobre a realidade de vida das pessoas, ela pode contribuir para que o educador pense no seu fazer a partir dessa realidade Latino Americana que Dussel chama de Ética da Libertação.

Fundada a partir dessa realidade e não europeia se desdobra em três implicações e motivos para o estudo da Ética durante o processo formativo. O primeiro diz respeito ao próprio fato de estudar para ter mais conhecimento e “ser mais” como lembra Freire (1996), e assim tendo reflexos na própria vida e na compreensão de mundo. O segundo motivo relaciona-se ao fato de vivermos grandes mudanças epistemológicas na atual realidade, por isso se faz necessário um ponto de referência consistente como é a Ética, pois os modelos dados pela ciência nem sempre dão conta da prática pedagógica em sala de aula.

O terceiro e último motivo para o estudo da Ética na formação se dá através do cuidado, elemento tão caro e significativo ao educador. A reflexão parte do mito de Higino que indica o cuidado como acompanhante do ser humano durante toda a sua vida. A Ética ensina a cuidar, de modo particular, cuidado de si, cuidado do outro e cuidado com a casa comum, retomando assim uma das raízes etimológicas da Ética, a Ética como Ethos (casa comum).

A questão mais ampla em que se situa o problema da pesquisa é o da importância de uma Educação Moral no processo de formação humana, no contexto

de uma sociedade capitalista e de mercado, que pelas suas características, forma seres humanos individualistas e competitivos, embasada no pressuposto antropológico do egoísmo, como parte da natureza do ser humano. Sem fazer maiores considerações sobre essa concepção que perpassa as Éticas consequencialistas, seja em sua vertente utilitarista inglesa, seja no pragmatismo contemporâneo, e que sustenta o uso meramente instrumental da razão. Também nas questões morais, propomo-nos a discorrer sobre a importância da Ética como disciplina curricular regular e nos interrogamos sobre a sua importância acadêmica, exatamente para nos darmos conta do modo e dos conteúdos que medeiam à formação da consciência moral das crianças e dos adolescentes nesta sociedade concreta.

Em seguida, apresentamos o motivo que fez com que optássemos pela utilização do termo Ética, com “E” maiúsculo, e por que, quando se trata da formação da consciência e mesmo das ações humanas, utilizamos o termo moral. Por essas questões, temos dificuldade em elaborar objetivamente o problema de pesquisa, uma vez que se trata de já supor que uma consistente formação acadêmica em Ética pode ajudar futuras educadoras e educadores a se darem conta de que, em todas as suas atividades docentes, em todas as relações pedagógicas com as crianças e adolescentes, estão efetivando algum tipo de educação moral, estão incidindo sobre a formação da consciência moral, embora não o saibam ou mesmo nem o admitam.

Ainda que tenha antecipado certo juízo sobre a importância da Ética na formação de professoras/es, resta a questão de mostrar como e em que sentido se justifica e legitima essa importância em termos acadêmicos e, a partir daí, indicar algumas pistas acerca de opções teóricas para esse ‘ensino de Ética em vista da educação moral de crianças e adolescente’. Nesta perspectiva de abertura, apresentamos o problema da seguinte maneira: considerando que toda educação, de modo mais decisivo a educação infantil e de séries iniciais, é sempre também educação moral, como a Ética, enquanto disciplina acadêmica, pode ajudar a compreender essa educação moral e a refletir criticamente sobre que tipo de formação moral se está efetivando na prática pedagógica, isto é, quais modos de sensibilidade e de consciência moral se estão educando na prática.

E acrescentamos que isso é muito mais decisivo na educação infantil e nas séries iniciais em que, através de brincadeiras, de jogos e de outras atividades, lúdicas ou não, as práticas pedagógicas veiculam valores, forjam convicções,

induzem comportamentos. Por isso orientamos nossa atenção especificamente para a formação de Professores para a educação básica, em geral e especificamente para os Cursos de Pedagogia, uma vez que habilitam os egressos para atuar na educação infantil e nas séries iniciais.

Essa formulação implica várias questões associadas, começando pela indagação sobre a existência dessa formação; pela suposição de sua importância, considerando principalmente o fato de que tais profissionais se dedicarão à educação das crianças que estão vivendo as fases decisivas de formação da consciência moral e, por isso, é importante saber como as atividades educativas desenvolvidas incidem sobre isso. Em segundo lugar, é preciso que se possa enunciar em que consiste uma formação em Ética, uma vez que, na prática pedagógica, o que se efetiva é “educação moral”.

Por outro lado, conforme já anunciamos acima, há que se esclarecer previamente o que se entende por Ética e por moral; e por educação moral, isto é, por formação do caráter moral, que é uma questão subjetiva, mas que está relacionada “a um ideal mais amplo e mais importante, e que, como já disse Aristóteles, tem a ver com o contexto social mais amplo dentro do qual as ações morais adquirem seu valor e sua importância” (KRONBAUER, 2015, p. 63).

Não faremos pesquisa de campo, mas informalmente e de antemão já constatamos que a Ética, assim como a definiremos em seguida, está injustificadamente ausente em quase todos os currículos dos Cursos de Pedagogia e de outras Licenciaturas, como se pode facilmente verificar nas páginas dos Cursos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e de outras Universidades. Poderíamos perguntar se essa temática não é indiretamente contemplada, ao modo de um tema transversal, embora não figure como disciplina no currículo do Curso, e constatar que há professores que estão atentos para esse problema, ainda que eles próprios não tenham formação específica para isso e sequer tenham clareza conceitual acerca do tema. Dado este panorama geral, passamos ao conteúdo da dissertação como sendo um processo dialógico com os diferentes autores implicados.

1 MEMÓRIAS

Um trabalho *transformador* de si, ligado à narração das histórias de vida e a partir delas, tornou-se indispensável a uma Educação Continuada, digna desse nome. As narrações centradas na formação ao longo da vida revelam formas e sentidos múltiplos de existencialidade singular-plural, criativa e inventiva do pensar, do agir e do viver junto.²

Antes de começar efetivamente a fazer o ensino fundamental eu imaginava, quase que diariamente, como deveria ser estudar em uma Universidade; quão fascinante seria morar na cidade para estudar e trabalhar ganhando um salário mínimo. Até por que as imagens que nos atingiam pela televisão sempre mostravam pessoas da cidade bonitas, limpas e sorridentes, enquanto que as do interior sempre eram suadas, envelhecidas, sujas, geralmente associadas ao sofrimento.

Imaginação de uma criança do interior que fazia suas associações mesmo não tendo consciência da consequência de seu pensar. Neste exercício quero revirar as memórias que guardo, no sentido indicado por Paul Ricoeur em sua obra “A Memória, a história, o esquecimento”, quando diz que o registro das memórias, podem ser coletivas ou individuais, mas sempre serão interiores, na forma de lembranças (RICOEUR, 2007, p. 40).

Quero rememorar fatos e acontecimentos vivenciados, muito significativos e simbólicos, que foram se passando ao longo da vida. Ao seu tempo, eles vêm novamente à superfície para [re]significar e dar outros contornos ao vivido. Como lembra o filósofo Aristóteles, “Nada há no intelecto que não tenha antes passado pelos sentidos”. Tentarei fazer um pequeno exercício, imaginar³ algumas cenas que, num tempo um tanto distante, fizeram parte da rotina e do meio social onde comecei a me reconhecer como pessoa, como ser que habita este tempo, com outras pessoas.

Imaginário Social⁴ refere-se às manifestações da dimensão simbólica, pois o Imaginário para se manifestar, se utiliza do simbólico, reflete práticas sociais que materializam crenças, ritos e mitos (OLIVEIRA, 2005, p. 09).

² JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Revista Educação**, v. 30, n. 63, 2007.

³ Mesmo que nossa metodologia não será do imaginário social, mas hermenêutica filosófica, me parece prudente mencionar sucintamente o que venha a ser o imaginário social a partir da referida autora da citação.

⁴ Para melhor entender compreender esse conceito ver: CASTORIADIS, C. **Instituição imaginário da Sociedade**. Paz e Terra, 1984.

Não seguirei os princípios dessa concepção teórica, mas ela me serve para assentar o que farei em seguida, ou seja, investigar sobre a Ética na formação de professores. O relato que segue parece ser uma história sem muita lógica para os padrões de pesquisa científica/cartesiana, ou para uma lógica sistemática, mas na verdade é parte constituinte de uma caminhada, e ponto de referência para indicar de onde parti para chegar nesse momento de reconhecimento da trajetória como pessoa e posteriormente como educador. Segundo Josso (2007, p. 434):

A narração da vida é uma ficção, certamente baseada em fatos reais, e que é essa narração ficcional que permitirá, se a pessoa for capaz de correr tal risco, a invenção de um si autêntico.

Com esse entendimento, faço o convite para que me acompanhem numa caminhada que começou no início de primavera (primeira verdade), em um dia qualquer, mas precisa ser em dia de primavera, já quase verão. Vamos subindo um cerro, por uma estrada dentro da mata fechada, na qual já faz algum tempo que não passa veículo de espécie nenhuma. A vegetação está tomando conta até o meio da estrada, e estamos respirando um ar puro, com cheiro de mata.

Ao andar, escutamos apenas nossos passos e o som de muitos tipos diferentes de insetos e pássaros. Pela metade do caminho há uma fonte d'água que, em meses de calor, faz correr apenas um filete de cor meio leitosa, mas as plantas na volta são mais verdes que as demais. Seguimos caminhando, buscando sempre a sombra, pois é quente, muito quente.

Ao chegar ao cume do cerro, há uma área de terra cultivada, um chato donde a visão alcança longe e desde o qual, por um instante, contemplamos a paisagem. Continuando, atravessamos esse espaço e adentramos novamente na mata, dessa vez fechada e densa, e a muito custo conseguimos avançar, para, depois de alguns minutos de caminhada nessa floresta, encontrar grandes árvores, de diferentes espécies. Sentamos por um momento para refazer as forças entre uma Canjerana e um Grápia de grande porte.

É momento de tirar as folhas soltas na superfície do solo, abrir o emaranhado de raízes de diferentes espécies que formam uma camada protetora para, aí sim, chegar à terra fértil, cavar com as mãos mesmo e sentir o cheiro bom que emana desse punhado de terra nova. Formamos a imagem de pegar com as duas mãos um punhado generoso e aproximar do nariz para sentir o agradável odor de terra pura; terra de mato. Mas o que vamos fazer com essa terra?

Essa terra que coletamos, de maneira imaginária, será o substrato fértil e vigoroso para o cultivo de uma plantinha rara e única: a “ética de afirmação da vida, da solidariedade e da doação de si, imprescindível à boa formação de professores”. E, talvez, seja exatamente esse ponto o de partida desta pesquisa, que fez chegar a essa temática. Hoje percebo⁵, com clareza, que o que somos é fruto das escolhas que realizamos consciente ou inconscientemente, não raro há bastante tempo.

Esse pequeno exercício de imaginação é, na verdade, um relato de vivências significativas da minha infância, quando ainda morava com a família no interior de Sobradinho - RS. Era tarefa diária, no período que se estendia do plantio até a colheita da safra, levar comida em uma panela dentro de um cesto de cipó para meus três irmãos, duas irmãs e meu pai, depois de voltar da escola, até a lavoura que ficava há dois quilômetros de casa, percorridos a pé em idas e vindas silenciosas, em que estava acompanhado apenas de meus sonhos e imaginações de ‘futuros’.

Nesses períodos de labuta mais intensa, que coincidiam com o segundo semestre do ano letivo, pelo menos de setembro a dezembro, a professora dispensava da aula meia hora antes, para que desse tempo de chegar em casa, pegar as coisas que a mãe já tinha arrumado e, em mais meia hora de caminhada, chegar na lavoura onde meu pai e meus irmãos trabalhavam. Então, depois de tanto caminhar, podíamos saciar a fome juntos. Seguiu, uma jornada de cerca de cinco horas de trabalho e o dia chegava a seu ocaso, momento de voltar para casa, tomar um banho frio e fazer as tarefas da escola. Nesse momento vinha a parte difícil do dia, não só pelo cansaço, mas também pela grande dificuldade de fazer as tarefas escolares, principalmente as de matemática.

Penso que esse relato aponta vários elementos fundamentais e nos remete ao “chão” da fala sobre Ética/formação/professores. Primeiramente, o fato de a professora liberar, trinta minutos antes do término das aulas, seria para muitos hoje uma atitude reprovável e condenável sob o aspecto Legal, considerando o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), por exemplo. Mas para outros e dentro do contexto concreto, seria uma atitude compreensível e aceitável, ou até digna de elogiável aprovação.

⁵ Durante o texto vou me expressar ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural. Em primeira pessoa do singular para dizer o que penso sobre o assunto referido e em primeira do plural quando dialogar com os autores.

Cada vez me convenço mais de que, desperta com relação à possibilidade de enveredar-se no descaminho do puritanismo, a prática educativa tem de ser, em si, um testemunho rigoroso de decência e de pureza. Uma crítica permanente aos desvios fáceis com que somo tentados, às vezes ou quase sempre, a deixar as dificuldades que os caminhos verdadeiros podem nos colocar. Mulheres e homens, seres históricos-sociais nos tornamos capazes de comparar, de valorar, de intervir, de escolher, de decidir, de romper, por tudo isso, nos fizemos seres éticos (FREIRE, 2011, p. 33).

Mas nem todos os professores foram assim, como a professora Doroteia Olivier Brant. Alguns primavam por um rigor dogmático no ensino, olhando apenas para questões legais, normativas e de vencer conteúdos. No entanto, deixavam a desejar no aspecto humano com os próprios alunos, não conseguiam dar um sorriso, um carinho, trazendo problemáticas que não deveriam ser trazidas para a sala de aula, colocando os alunos do ensino primário como árbitros de brigas entre famílias. Confesso que com esses professores eu aprendi pouco. Hoje até penso que aprendi muito, mas pelo avesso; aprendi como não se deveria proceder nas relações pedagógicas.

Aparentemente essa narrativa não faz sentido para quem pretende falar das motivações que levaram a escolher o tema da Ética na formação inicial de professores. Ela representa aquilo que vivi até o presente momento. Como estou me propondo a fazer uma pesquisa, estou me dispondo a falar de mim mesmo, ao menos olhar desde onde estou ou estive inserido na temática indicada.

A narrativa acima expressa muito da minha história, desde os tempos do primário na escolinha do interior de Sobradinho, E.M.E.F.I. São Valentim, até a graduação, de Licenciatura em Filosofia e a segunda graduação, de bacharelado em Teologia, em Porto Alegre. Relatei apenas essa experiência do primário, pois pretendo dialogar, mais tarde, justamente com a formação de professores para esse nível de ensino hoje.

Iniciar o mestrado é primavera, brotação tenra e nova, caminho que não se caminha sozinho, mas com colegas e mestres, contudo é também caminho por mata fechada; e de tempos em tempos é importante limpar o caminho para não deixar que a vegetação rasteira do senso comum e da ignorância o interrompa até o cimo do cerro da Sabedoria. Pesquisar é adentrar ainda mais na mata fechada até encontrar as grandes árvores que são as referências, mas a grande satisfação é cavar para sentir o cheiro gostoso e prazeroso do conhecimento, do saber, no entanto, para isso, é preciso cavar com as próprias mãos.

Acredito que as coisas não acontecem por acaso em nossa vida, todas têm seu propósito de ser, embora, às vezes, não consigamos entender bem o motivo de elas irem acontecendo ao nosso redor, muitas outras são fruto de nossa opção consciente ou inconsciente, escolhas livres, induzidas e, em alguns casos, forçadas.

Penso também que é possível realizar o processo dissertativo sem antes passar por um “vale de lágrimas” ou ir a um deserto inóspito, onde o eremita faz morada durante um tempo, vinte e quatro meses (duração do mestrado). Não é preciso uma vida de Essênio, fora do mundo, e que a produção seja pautada por tantos dilemas, ela pode ser prazerosa e gratuita, com nos coçarmos quando temos coceira ou comermos quando estamos com fome, afinal “coçar e comer é só começar. Conversar e escrever também” (MARQUES, 2011, p. 15).

É interessante como as palavras, sejam escritas ou faladas, têm poder sobre quem as lê ou ouve, a diferença é que palavra dita causa seu efeito imediato e não pode ser arquivada a não ser pelos interlocutores, enquanto a palavra escrita fica registrada para ser reescrita, entendida, relida e decodificada quantas vezes for preciso, além de comprometer aquele que a escreveu. O ditado popular lembra-nos de que, dito pelo não dito vale o que ficou escrito. Dessa forma, queremos deixar ditas e escritas algumas percepções de experiências feitas como aluno e, mais tarde, como educador em ambientes públicos e privados e também fora do âmbito da educação formal, mas que envolvem a temática da Ética.

Escrever é revisitar lugares cristalizados pelo tempo, esquecidos, escondidos ou bem guardados dentro de nós. É dialogar com interlocutores conhecidos e desconhecidos, lugares seguros e caminhos estranhos que imaginamos estarem povoados por fantasmas, que produzem medos. Por sua vez, desvelam outras estradas que ainda não temos como saber onde vai dar, caminho que se faz ora sozinho, ora acompanhado, mas sempre se amalgamando com outras vivências e saberes.

Cora Coralina dizia que “o que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada, caminhando e semeando, no fim terá o que colher”. Escrever como cheguei até o tema que escolhi é caminhar colhendo o que já foi semeando e semeando novas sementes que, neste momento, passo a chamar de pesquisa e que vou percorrendo ao escrever.

Enfatizando outro aspecto das memórias, inseparável do relato precedente, biografando agora alguns aspectos da trajetória de estudos e de práxis social.

Desde muito cedo, tive uma inserção junto aos Movimentos Sociais e com a Pastoral da Juventude⁶; nestes últimos doze anos particularmente me dediquei ao acompanhamento (assessoria) dessa Pastoral e desses grupos. O acompanhamento, por todo o Rio Grande do Sul, foi uma verdadeira escola de vida. Foram muitos finais de semana de formação, encontros, partilha com esses jovens em diferentes locais e realidades, em que tive a oportunidade de observar o processo de término do ensino médio e a inserção na Universidade, posteriormente, o início da docência de muitos jovens em locais e situações das mais diversas.

Esse acompanhamento fez-me perceber que os sujeitos da formação de professores são exatamente os jovens. Esses jovens que estão nas Universidades/Faculdades são os atores da formação acadêmica. Quando falamos formação de professores, e de uma formação que contemple a Ética, parece que a palavra traz em si a ideia de uma formação para pessoas adultas que têm muitas horas de docência em sala de aula, enquanto que a realidade é outra, a graduação acontece na sua quase totalidade com jovens que chegam cada vez mais novos à Universidade, trazendo consigo uma concepção de mundo e de valores distintos.

Lembrei-me de que, até cursar a graduação em filosofia, fui um estudante de pouca leitura e muito trabalho braçal, de empenho das energias corporais, na roça, não fugindo a regra de todas as outras crianças ou adolescentes do lugar em que vivia. Recordo, porém, que no terceiro ano das séries iniciais, ganhei o primeiro livro de presente de uma de minhas irmãs. Foi encantador ler “Fernão Capelo Gaivota” de Richard Bach⁷, a história da gaivota que não queria ser igual a todas as outras gaivotas, mas voar mais alto, buscar outros propósitos, fazer outras experiências. É bem verdade que não terminei a leitura, até hoje não sei bem qual o motivo, mas é fato que o costume de não terminar leitura de livros me acompanha até os dias de hoje, sempre sobram algumas páginas para trás. Todavia, isso não me impediu de fazer uma satisfatória caminhada acadêmica, chegando até à docência.

Fui professor de filosofia e sociologia no ensino médio durante determinado tempo e cada vez que precisava propor a temática dos mitos gregos e instigar a

⁶ “Pastoral da Juventude organizada dentro da Igreja Católica, no Brasil, com linha e metodologia própria, aberta ao novo e com acolhimento dos anseios da juventude, garantindo seu protagonismo, evangelizando de forma inculturada na realidade em que vivemos” (SILVA, 2012, p. 18) No referido subsídio encontra-se mais seis itens que definem a referida Pastoral.

⁷ Disponível em: <<https://livrospralerereleer.blogspot.com.br/2009/12/fernao-capelo-gaivota-richard-bach.html>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

produção textual, via na história de Sísifo a tarefa do professor. Em alguns momentos, pensei que estava tentando dar asas a Ícaro, sem que ele quisesse voar realmente. A tarefa de produzir textos que pudessem ter conteúdo e não fossem plágios de algo que tinha na internet era uma verdadeira Odisseia, porque a tendência dos alunos era a de copiar e colar.

Ao mesmo tempo, colegas recém-saídos da Universidade, ou em fim de carreira, não viam nenhum problema em deixar alunos do segundo ou terceiro ano entregarem trabalhos “pesquisados” (copiados) das redes sociais como sendo seus. Na maioria das vezes, nem se davam o tempo de ler o que estavam entregando. Conteúdos repetidos, fontes diferentes, marcas d’água, linguagem incompatível com a forma de expressão costumeira em provas ou outros trabalhos produzidos em aula, sem acesso à rede.

Que tipo de profissional a Universidade está formando para atuar nas mais diferentes frentes de espaços escolares? Eis um problema a ser respondido, quando se olhar para a formação dos professores que recém saíram da Universidade e não conseguem ver problema em se apropriar das ideias alheias, como sendo suas. Será que assimilaram essa prática durante o período da faculdade? Será por comodidade, ou pior, por questão de caráter? Será mesmo que a formação de professores não contribuiu para melhorar essa postura?

E o que dizer das piadas racistas, homofóbicas e misóginas que ouvi com certa frequência na sala dos professores, em alguns casos expondo os próprios discentes, pela sua postura e comportamento frente aos demais. A questão da falta de uma postura Ética, em sentido mais amplo, é sempre muito sutil, transitando entre o senso comum e as próprias convicções de educação familiar. Nem sempre é fácil assumir uma postura Ética frente ao conflito, ainda mais quando este vem em prejuízo próprio.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A RELEVÂNCIA DA TEMÁTICA

Ao retomar a pergunta de partida do projeto e, de certa forma, já pressupor que a reflexão sobre as diversas teorias Éticas são fundamentais no processo de formação de professores, especialmente dos que formam docentes para a educação infantil e séries iniciais, porque as/os egressas/os destes cursos, atuarão na educação em uma fase do desenvolvimento humano em que se forma a consciência moral e, acentuo agora, que o testemunho de atuação pedagógica, o que se faz e o que acontece efetivamente na educação, influi decisivamente sobre a formação da consciência moral das crianças.

Da mesma forma, ao retomar o objetivo central de refletir sobre o lugar e a importância da Ética na formação e na prática e de mostrar argumentativamente que isso se atinge através do estudo da Ética, tanto em seu aspecto sistemático quanto sob o viés das teorias filosóficas que trataram do tema ao longo da história. Ressaltamos novamente a necessidade de estudar os elementos fundamentais dessa subárea de conhecimento e aplicação para poder compreender reflexivamente a própria prática de professores/as e suas implicações docentes.

Como contribuir para a formação de educadores/as com maior autonomia e mais criteriosos com relação à práxis e as repercussões sociais e políticas da mesma. Assim, igualmente, poderão ter referências mais seguras para saberem o que estão fazendo e sobre as consequências deste fazer na vida prática, tanto própria quanto da formação da consciência moral das crianças. Para justificar isso de modo mais didático, podemos fazer um paralelo, por exemplo, entre a Ética e a Psicologia da Educação.

A Psicologia é uma ciência, com teóricos diversos, cujas teorias podem ser complementares ou até opostas umas às outras. Já a Psicologia da Educação vai se constituindo como disciplina do currículo, apropriando-se de recortes indispensáveis, para que as futuras docentes compreendam o funcionamento psicológico e a capacidade de interação, de aprendizagem (de conhecimentos, atitudes, habilidades) em cada etapa do desenvolvimento e de como dar conta das necessidades individuais de cada educando/a. Essa convicção está tão bem assentada que não consideramos ser possível planejar bem uma atividade docente sem levarmos em conta esses conhecimentos da psicologia.

Da mesma forma, se a formação da consciência moral é importante no desenvolvimento das crianças e dos adolescentes, não só em face à indisciplina, à injustiça e à desmoralização, mas para uma sociabilidade sadia, a Ética, como disciplina acadêmica, é indispensável para que educadores/as possam dedicar-se à 'educação moral' de crianças e adolescentes com a mesma seriedade e o mesmo profissionalismo com que se dedicam a ensinar conteúdos diversos e com que incentivam o desenvolvimento de habilidades sensoriais e intelectuais, para cuja competência necessitam imprescindivelmente da formação em Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem.

De igual modo, sem uma reflexão acadêmica, filosófica, sobre a Ética não é possível fazer o que, mesmo sem saber ou sem admitir, todos os educadores fazem: educação moral ou incidência sobre a formação da consciência moral de crianças e de adolescentes.

A Ética vai ajudar as educadoras a se darem conta de que a sua forma de agir pedagogicamente, as atividades que propõem e as intenções implícitas de cada ação podem estar contribuindo para a formação de uma consciência moral correspondente a uma Ética de Virtudes, do Dever, da Cooperação, do respeito à diferença, ou a um mero Pragmatismo, individualista e competitivo, útil à manutenção da sociedade capitalista de mercado e que culmina na formação de consciências moralmente cínicas.

Educadores em geral, mais ainda os que se dedicam à educação infantil, às séries iniciais, mas igualmente os das séries finais do Fundamental e os do Ensino Médio, ainda que não o saibam e, até mesmo, não queiram sê-lo, são educadores que influem decisivamente sobre a formação da consciência moral das crianças e dos adolescentes. No entanto, na maioria dos Cursos de Formação inicial de docentes para essas faixas etárias, não se prevê uma reflexão sistemática e fundamentada sobre a Ética e sobre a educação moral. Isso deveria ser considerado como algo muito grave, não porque se dedica a quase totalidade dessa formação curricular ao desenvolvimento de habilidades técnicas, instrumentais e habilidades sociais, metodológicas, etc., que são perpassadas de moralidade, mas porque não se dá conta exatamente disso, que, em nossa consideração, é o mais importante em todo o processo de educação das crianças e dos jovens: a formação da consciência moral.

Como já afirmou Kant (1996, p. 11-12), os seres humanos não nascem bons; eles podem se tornar bons seres humanos, dispostos a boas ações, mediante a educação. Mas a educação pode também focar em demasia o ensino, a aquisição de conhecimentos e o desenvolvimento de habilidades técnicas, etc., e descuidar do fundamental, de tal sorte que poderemos ter pessoas adultas com muito conhecimento e com muitas habilidades, comuns a facínoras, se não houver uma “educação moral” que dê conta daquilo que o autor, em seu tempo, denominou de “animalidade”, ou seja, para oportunizar o desenvolvimento de uma sociabilidade sadia. A educação é o processo mediante o qual se transforma o egoísmo espontâneo (ou aprendido) em humanidade, e isso precisa ser feito de forma intencional, com conhecimento de causa.

Aí entra a Ética como conteúdo teórico na formação, respaldada por teorias psicológicas que ajudem a dar conta das etapas de desenvolvimento da infância, das características das diversas idades, do desenvolvimento da consciência moral, para poder planejar essa formação de modo fundamentado, sem atropelar etapas, “porque tudo deve acontecer a seu tempo com o passar dos anos. Mostrar-se hábil, prudente [...] como um adulto na infância, vale tão pouco como a sensibilidade infantil na idade madura” (KANT, 1996, p. 38); sempre com o cuidado de não “quebra a vontade das crianças porque isso a levaria a um modo de pensar escravo, heterônomo” (Ibid., 1996, p. 82).

Para evitar que educadoras/es façam educação moral meio que às avessas, mais pela chantagem e pela negociata, como o atestam as formas de avaliação de desempenho escolar, por exemplo, do que respaldadas/os em boa fundamentação teórica, o estudo de Ética é imprescindível. Ademais, a Ética é o fundamento para pensar as relações sociais nas quais acontece a formação humana e que, desde os gregos, se denomina de práxis. A Ética é uma condição para pensar a existência humana e o seu lugar específico, sua habitação, mesmo que, no dia a dia, nos orientemos pelas normas morais.

A partir da distinção de Vazquez entre moral e Ética (2003, p. 24), pode-se entender ainda mais claramente porque não se trata aqui de ‘aprender o que se deve fazer em cada situação concreta’, muito menos de um tipo de código de conduta profissional, a exemplo de profissionais de outras áreas e que denominam isso de “ética profissional”, quando são apenas códigos de conduta profissional, mormente para resguardar o indivíduo de possíveis demandas judiciais no exercício

profissional. São códigos corporativistas, portanto. Não se pode confundir isso com a Ética, nem mesmo com a moral, a não ser enquanto moral restrita. A Ética não é prático-normativa. Ela é teórica e, como tal, pode incidir sobre a prática, refletindo criticamente sobre ela, elaborando princípios gerais e ajudando a esclarecer o fenômeno do comportamento moral dos seres humanos em sociedade.

Certamente teremos que aprofundar essa distinção e estabelecer melhor a finalidade da aprendizagem da Ética na formação docente e na prática educativa como referência teórica e não como um “guia de ação”, uma vez que ninguém pode obrigar o outrem a ser moralmente correto ou refletir eticamente sua ação. Parte de um querer livre e pessoal a tal fazer, até chegar ao convívio em sociedade, de modo que o referencial teórico ajuda para balizar o fazer prático do professor.

Isso se faz necessário, ainda que nos limites propostos esta dissertação. Por enquanto, podemos adiantar que, enquanto disciplina filosófica ou subárea de Filosofia, a Ética é imprescindível à promoção da vida, à construção da autonomia moral das pessoas e como reserva crítica diante do quadro desmoralizador de corrupção generalizada na política, na economia, nas relações sociais em geral. Uma espécie de ‘recolhimento’ para pensar mais criteriosamente sobre o modelo de sociedade que vivemos e que deturpa os valores e inverte a ordem das coisas, ao fazer com que as pessoas não sejam mais sujeitos de sua destinação histórica e que banaliza a violência, o desrespeito à vida e às diferenças de todas as ordens. A Ética pode nos ajudar a lembrar de pressupostos antropológicos soterrados na atualidade, como a dignidade do ser humano, sua condição de sujeito com autonomia, e fazer frente às instrumentalizações das pessoas.

Mas um educador que não consegue ler a realidade em que está e que o envolve, a partir de tais pressupostos, dificilmente vai conseguir fazer uma boa interferência para transformá-la. A citação de Ahlert, a seguir, traz alguns dos elementos importantes para percebermos a importância da Ética na formação inicial de docentes, para além dos consensos morais estabelecidos em determinada sociedade, porque somente assim é possível ser crítico diante desses consensos do senso-comum.

Ahlert (1999) afirma que a Ética consiste em “refletir criticamente sobre as moralidades. Seu papel emerge do mundo da prática, das interações sociais. Ela busca humanização da vida de todos e de tudo. Por isso ética é libertação.” E continua dizendo que:

A eticidade da educação compreende um processo aberto e de construção infinita diante das necessidades que a vida humana universal e seu ambiente determinarem, superando, assim, os determinismos do cognitivismo do paradigma da consciência. É uma eticidade implícita em todo o processo educativo, seja ele formal ou informal. Da mais tenra idade até o fim da vida todo o processo de aprendizagem e construção do conhecimento traz no seio de sua realização um desenvolvimento humano ético preocupado com a universalidade da vida de todos os seres humanos (AHLERT, 1999, p. 157).

A significação e a importância da Ética na formação de educadores consistem primeiramente em preparar docentes que façam frente às situações concretas do cotidiano. Embora as pessoas estejam conectadas vinte e quatro horas por dia, quando falamos das condições em que fazemos educação, muitas vezes os professores se deparam com uma realidade na qual dispõem apenas de um quadro e giz para ensinar, mas os seus interlocutores, no seu cotidiano, não deixam celulares, *Tablets* e redes sociais de lado.

Existe um desafio de ensinar e também de aprender, com esse novo formato de relacionamento. Pesquisar o tema da Ética e da formação de professores é também investigar a possibilidade de outras formas de ensino/aprendizagem, que fujam daquilo que se afirma ser correto ou que se imagine internalizado no indivíduo.

Há uma necessidade de refletir sobre a questão da Ética num âmbito geral, mas também específico, principalmente em tempos em que parece haver muitas éticas. Freire nos lembra, no livro “Pedagogia da Autonomia”, que “não há ensino sem pesquisa e nem pesquisa sem ensino”, e que o ensinar exige Ética, por isso a Ética precisa ser ensinada e aprendida, pois, em última análise, ela orienta o agir humano.

Falar, pensar, dissertar sobre a Ética não é caminho fácil, de modo geral, quando as pessoas falam “Ética”, a proferem de maneira generalizada e vaga, não raras às vezes, confundindo com moral. Ao contrário, trilhar o caminho da Ética é percorrer caminhos que levem em conta valores e princípios humanos, e demais aspectos da vida não humana e com o meio onde está inserido, em nosso caso o ambiente escolar e acadêmico, mas também, num sentido mais amplo, o meio ambiente, a nossa relação com a natureza, etc.

Estudar a Ética como disciplina acadêmica e, rigorosamente, como uma subárea da filosofia e que se constrói em diálogo com outras ciências humanas, é tão fundamental na formação inicial de professores, uma vez que é imprescindível para nos darmos conta do tipo de educação que fazemos e que incide na mudança

de comportamento diante dos grandes desafios de nosso tempo, que são marcados por profundas mudanças e que acontecem rapidamente. Mudanças que nos remetem à letra da música de Mercedes Sosa, com a qual termino este item, num aceno para a necessidade ainda mais premente de Ética, assim como que um lugar desde o qual temos alguns critérios para acompanhar as mudanças, sem nos perdermos em meio a elas, como doidos que andam e andam, sem saber para onde.

Cambia lo superficial. Cambia también lo profundo. Cambia el modo de pensar. Cambia todo en este mundo. Cambia el clima con los años; Cambia el pastor su rebaño; Y así como todo cambia; Que yo cambie no es extraño. Cambia el más fino brillante; De mano en mano su brillo; Cambia el nido el pajarillo; Cambia el sentir un amante. Cambia el rumbo el caminante; Aunque esto le cause daño; Y así como todo cambia; Que yo cambie no es extraño. Cambia, todo cambia. Cambia el sol en su carrera; Cuando la noche subsiste. Cambia la planta y se viste; De verde en la primavera. Cambia el pelaje la fiera. Cambia el cabello el anciano. Y así como todo cambia. Que yo cambie no es extraño. Pero no cambia mi amor. Por más lejo que me encuentre. Ni el recuerdo ni el dolor. De mi pueblo y de mi gente. Lo que cambió ayer. Tendrá que cambiar mañana. Así como cambio yo. En esta tierra lejana. -- Mercedes Sosa- Todo Cambia.⁸

2.1 OS SUJEITOS DA FORMAÇÃO INICIAL

Ainda que não se trate de fazer pesquisa de campo, é importante situar o problema fazendo breve consideração sobre as características do público alvo da formação inicial de professores para a Educação Infantil, etc., para que não caiamos na armadilha de pensar que estamos diante de profissionais adultos, já como certa experiência de vida, de lida em sala de aula, e, não raro, numa condição econômica estável e acomodada.

A realidade das educandas de dos educandos de Cursos de Pedagogia é outra. São na grande maioria jovens, numa faixa etária que vai dos 17 até os 23 anos, e que ingressaram no Curso Superior logo depois de haverem concluído o Ensino Médio. Precisamos levar isso em conta, quando pensamos na importância da Ética na Formação de docentes, e especialmente em nosso contexto de grandes mudanças sociais e nos diferentes campos do conhecimento.

⁸ Disponível em: https://www.google.com.br/search?ei=0GQqW-zOK4S0wASAlaeoAQ&q=cambia+todo+cambia&oq=cambia+todo+cambia&gs_l=psy-ab.3..0l5j0i203k1j0j0i203k1l3.158300.165270.0.165556.26.13.0.8.8.0.256.1132.0j6j1.8.0....0...1c.1.64.psy-ab..10.16.1384.6..0i13k1j0i13i10k1j35i39k1j0i131k1j0i67k1j0i10k1.169.RkKJia9jXPI. Acesso em: 20 mai. 2018.

Uma coisa é falarmos de pessoas adultas que têm um olhar adulto sobre a própria existência, e que, ao longo da vida ou carreira docente, foram adquirindo experiência e vivências. Outra coisa é falarmos de jovens que são sujeitos do próprio processo formativo, mas para os quais ainda pesa mais a perspectiva de futuro, de um ideal a perseguir, de grandes sonhos a realizar e que já navegam na onda das inovações constantes nas formas de fazer as coisas e nas formas de vivenciar e de compartilhar o cotidiano. Sabemos que ambas as faixas etárias estão em autotransformação, cada uma em seu estágio, mas os jovens estão mais dispostos a mudanças trazidas pelo conhecimento.

Termos presente que a formação se dá nessa faixa etária, não somente como idade cronológica, mas como tempo existencial, é percebermos que há elementos específicos que precisam ser levados em conta.

Compreender os jovens apenas pelo fator idade, contudo, seria simplificar uma realidade complexa que envolve elementos relacionados aos campos simbólicos e culturais e aos condicionamentos econômicos e sociais que estruturam as sociedades. Podemos afirmar que a juventude é uma categoria socialmente produzida. As representações sobre a juventude, os sentimentos que se atribuem a essa fase da vida, a posição social dos jovens e o tratamento que lhes é dado pela sociedade ganham contornos particulares em contextos históricos, sociais e culturais distintos (DAYRELL, 2016, p. 26).

Uma dessas questões é que cada sociedade cria um conceito de juventude, a partir de sua realidade e de suas compreensões, ou ainda que o conceito ou a terminologia, assim determinada como juventude, foi sendo construído ao longo da história, tornando esse sujeito um ator social constituído a partir de vários entendimentos e por que não dizer estereótipos. Um ator social que está colocado entre a adolescência e a fase adulta.

A juventude constitui um momento determinado, mas que não se reduz a uma passagem, Ela assume uma importância em si mesma como um momento de exercício de inserção social, no qual o indivíduo vai se descobrindo e descortinando as possibilidades em todas as instâncias de sua vida. Desde a dimensão afetiva até a profissional. Essa realidade ganha contornos próprios em contextos históricos, sociais e culturais distintos. As distintas condições sociais (origem de classe por exemplo), a diversidade cultural (a cor da pele, as identidades culturais e religiosas, os diferentes valores familiares etc), a diversidade de gênero e de orientação afetiva e até mesmo as diferenças territoriais se articulam para a construção das diferentes modalidades de se vivenciar a Juventude (DAYRELL, 2016, p. 27).

Alguns elementos são essenciais para refletirmos sobre os atores que fazem esse processo formativo, o autor supracitado indica que a juventude “vai se descobrindo e se descortinando”. Esse processo gradativo se dá na academia e na sociedade, nas relações diárias, seja como aluno ou como um aspirante à docência. E nessa interação social também vai assimilando princípios e valores.

Esses atores, na maioria dos segmentos da sociedade, não são levados a sério, por serem considerados imaturos, inexperientes ou ainda como sendo pessoas que estão em transição, “o jovem com “vir a ser” adulto. A tendência, sob essa perspectiva, é a de enxergar a juventude pelo lado negativo. *O jovem é o que ainda não se chegou a ser*” (DAYRELL, 2014, p. 106). Certamente essa visão dificulta uma real compreensão, ainda mais se for associada a uma visão de juventude com violência. O outro extremo seria a supervalorização, olhar a juventude somente como ideal de saúde, beleza e estilo saudável de vida.

O que interessa é, de fato, considerar o jovem como sujeito do processo formativo, um ente de direitos e deveres, “que vive um desenvolvimento físico, psíquico e social nos diferentes estágios desse momento da vida” (DAYRELL, 2014, p. 109). Após a formação vai atuar em sala de aula diante de crianças que dependerão de seus conhecimentos e princípios para formular os próprios princípios e convicções de vida e de mundo. Entendemos que, diante deste público, com suas características e dado a atividade para a qual estão se ‘formando’, é necessário marcar espaços e tempos para que tenham uma formação Ética academicamente rigorosa ao longo da formação inicial de professores/as.

Por outro lado, podemos supor que, assim como em qualquer outra atividade curricular, também aqui as indagações e decisões precisam ser precedidas de uma reflexão, no caso filosófico, sobre a legitimidade e a importância da Ética no processo formativo dos futuros docentes, por exemplo, de educação infantil e das séries iniciais. Penso que essa possa ser a contribuição mais significativa deste estudo a que me propus. Retomei, pois, esse ponto na justificativa do tema de pesquisa.

Ainda quanto à colocação do problema, faz-se necessário esclarecermos que, de um lado, existe a questão mais estritamente filosófica, conceitual, implicada no tema e, de outro, de como autores reconhecidos na área da educação compreendem a questão da Ética na Formação Docente. Desenvolvi isso a partir de

pesquisa bibliográfica, ao modo de uma hermenêutica de textos e contextos, para ir adiantando a natureza da abordagem.

Quanto ao primeiro aspecto, parto da distinção entre Ética e Moral, já estabelecida por vários autores como VAZQUEZ, Adolfo Sanchez; CORTINA, Adela E MARTINEZ, Emílio; VAZ, Henrique de Lima e outros que referendam essa distinção, mostrando como ela se aplica aos clássicos da Ética, como subárea da Filosofia; é o caso de Kronbauer que, no texto intitulado “Distinguindo a Moral da Ética”⁹, afirma:

Normalmente vivemos conforme determinadas normas de conduta internalizadas, que formaram nossa consciência moral. A moral é este modo costumeiro e espontâneo de agir, de relacionar-se com os outros, pautado por normas; é a prática e são as normas que a regem. É anormal fazer ética, entendida como reflexão crítica sobre a moral, como teorização da moral [...] (KRONBAUER, 1998, p. 03).

De modo mais sistemático, Cortina e Martinez (2005, p. 20-21) mostram que, embora etimologicamente, o termo “Ética” signifique originariamente “morada”, “lugar em que se vive” e, posteriormente tenha sido adaptado na língua grega para designar o ‘caráter moral’ ou o modo de ser que alguém adquire durante a vida, no contexto acadêmico e no âmbito da filosofia ao longo da história, o termo “Ética” designa o filosofar sobre a moral, “isto é, o saber que reflete sobre a dimensão da ação” Já o termo “moral” designa os diferentes códigos morais concretos, bem como as ações concretas dos indivíduos morais enquanto pautados pelas normas.

Quanto ao segundo aspecto, trouxe para a conversa vários teóricos da educação, especificamente a sua contribuição para pensar essa questão da Ética na Formação de Professores e na prática docente, bem como as implicações deste estudo. Ocupei-me das formulações de Boaventura de Souza Santos, de Paulo Freire e de Terezinha A. Rios, Sánchez Vásquez, Adela Cortina, para entender como cada um considera a necessidade ou não da Ética nestes dois âmbitos complementares, o da Formação e o da atuação profissional.

Para não ficarmos repetitivos, neste momento, desenvolvemos melhor algumas ideias sobre os autores escolhidos nos itens 3 e 4, da mesma forma, explanamos, debatendo sobre eles e sobre como abordam alguns problemas da ação docente.

⁹ Do Texto **O que é Ética?** In: O CONTEMPORÂNEO – Ano II, Nº 11, abril de 1998. Disponível em: http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/etica/etica_moral.pdf. Acesso em: 05 mar. 2017.

3 RAZÕES E MOTIVAÇÕES PARA ESTUDAR A TEMÁTICA

Conforme já se pode perceber na narrativa do item inicial, faz algum tempo que essas questões me instigam e me impulsionam a estudar a temática Ética na formação de professores. A primeira motivação é a própria crise moral que vivemos, de modo geral, seja no âmbito pessoal, seja no privado ou no público e que me parece fazer parte de uma crise mais geral da civilização ocidental. O que vemos e ouvimos cotidianamente nos remete a desintegração do tecido social e político, por conta de sucessivos escândalos de corrupção. Percebemos, por exemplo, que os três poderes da república – legislativo, executivo e inclusive o judiciário – como que se autoprotegem e tomam decisões ao seu bel-prazer.

Se preciso for, leis são ignoradas solenemente, senão revogadas e substituídas, ministros trocados a cada momento por acusações e, em alguns casos, até mantidos apesar de ilícitos comprovados; executivos negociam delações premiadas depois de décadas de acumulação mediante corrupção, presidenta legitimamente eleita é deposta com base em denúncia vazia e com processo questionável. E tudo parece normal para a opinião pública, formada pelos grandes meios de comunicação social.

Nada é novidade, nessa breve história do Estado Novo Brasileiro, pois desde muito tempo, a corrupção e o desvio de verbas fazem parte da rotina da política partidária, salvaguardando raras exceções, nem por isso tal comportamento pode se tornar aceitável.

A ética tornou-se um tema privilegiado entre nós, em virtude de acontecimentos que mobilizam os brasileiros e que vieram a culminar na renúncia do presidente da República. O movimento da ética na Política, as análises sobre a presença da corrupção na sociedade e a violência nas relações sociais trouxeram à tona questões tão antigas como o ser humano, mas que ganham contornos novos em função do momento histórico em que são retomadas e formuladas (RIOS, 2001, p. 11).

Apesar de utilizar aqui o termo ética na acepção do senso comum, no qual ele substituiu o termo moral, a autora aponta para aquilo que Kronbauer denominou de ‘sintoma de doença da consciência moral’, no sentido de que quando se fala muito de um determinado assunto é porque ali tem um problema, e a conversa sobre falta de “Ética” nisso ou naquilo se tornou recorrente em nosso meio já desde o fim dos anos oitenta. Ele ainda adverte que, em meio à discussão generalizada, ‘o conceito

de Ética se diluiu. Fala-se de Ética e sobre Ética, utilizando-se esse termo para designar a conduta e para referir-se às normas que a pautam; isto é, como se fosse sinônimo de moral' (KRONBAUER, 1998, p. 1).

Rios, por sua vez, escreveu, já em 1993, ou seja, há mais de duas décadas, para lembrar o fato citado, do afastamento presidencial por esquemas de corrupção, mostra que o problema da corrupção é endêmico, ainda que não se faça muita referência a períodos anteriores, em que se fazia a suposta velha política. O que se acentua hoje é que essa prática da corrupção tem consequências e implicações para toda a população, em nosso caso, incidência direta nas questões educativas, porque a formação da consciência moral começa pelo exemplo a ser seguido.

Se levarmos em conta aquele episódio de 1993, até hoje já se passaram exatos vinte e cinco anos. Tendo presente que as grandes manifestações populares de massa foram puxadas pela juventude da época, denominada "os caras pintadas", que tinham em torno de dezesseis anos; sabemos que hoje aquela geração tem em média quarenta e um anos. Todos são adultos e atuam em diferentes espaços da sociedade, ocupando cargos públicos, empregados na iniciativa privada ou ainda são donos de seus próprios negócios. Os que se formaram na área discente são professores experimentados com muitas horas em sala de aula.

As notícias televisionadas em canal aberto indicam que o problema da Ética tem se agudizado e a violência contra os professores tem aumentado. Algumas proposições são pertinentes diante disso, será que o processo formativo vivido por estes não contribuiu para uma mudança de visão da sociedade, tornando-a mais relacional, humana, justa e equitativa?

Ao ser convidado por Escolas da rede municipal ou Estadual para fazer palestras e desenvolver trabalhos ligados a Valores, a comportamento, a indisciplina em sala de aula, fui percebendo que, em grande parte, as questões da inviabilidade de "dar aula" se dão pela pouca habilidade de professores e das coordenações para lidar com determinados comportamentos tidos como inadequados e/ou indisciplinados.

De um lugar para outro, o significado do que é disciplina era diferente. O que é considerado indisciplina, para um município pequeno ou escola do interior, não é comparado com o que se considera indisciplina para um bairro periférico de uma grande cidade, como, por exemplo, a Lomba do Pinheiro, Restinga, Bom Jesus, Vila Cruzeiro, Morro da Cruz, etc. em Porto Alegre - RS.

A partir dessa percepção, acredito ser possível levar em conta duas questões válidas, a de que a moralidade vigente, no lugar onde o colégio está inserido, influencia a sua visão de mundo, suas crenças; e, de outro lado, a de que determinadas interferências mais incisivas por parte dos professores se dão por ver a sua autoridade e seus valores internalizados ameaçados pela atitude de enfrentamento, ou pelo comportamento do aluno. Não sabendo assim lidar com os próprios limites, talvez por que a formação não contribuiu para isso.

Assim, podemos nos perguntar, até que ponto o estudo teórico e acadêmico consegue agregar valor humano e transformar a vida de docentes, para que estes possam, de maneira mais efetiva, contribuir para melhorar as relações no âmbito escolar e, mais amplamente, na sociedade? Será que o estudo da Ética, como disciplina acadêmica, pode contribuir significativamente com o processo formativo dos professores?

Debater sobre Educação é caminhar por uma estrada de chão batido, que muitos e bons caminheiros já trilharam. Por isso corre-se o risco de repetir o que já foi dito. No entanto, em outro sentido, é uma discussão sempre atual, pois a cada tempo ela se apresenta de outra maneira, seja por que os tempos são outros e, conseqüentemente, os desafios também se apresentam distintamente, seja por que os atores envolvidos nesse processo investigativo são diferentes e com suas percepções vão indicar outras possibilidades ou desafios, de acordo com seu tempo.

Por isso que dizemos que em educação não há receita já elaborada. Sempre de novo é importante perguntar o que é educar num tempo tão complexo e cheio de novos desafios como é nosso tempo? Em que as relações são pautadas pela exposição nas redes sociais, mostrando que o ideal que as pessoas perseguem é a visibilidade, a fama. Pode-se perguntar se essa não é a maneira atual de entender a busca de reconhecimento, seja em nível pessoal seja em âmbito profissional. Quando no fundo se sente um vazio existencial muito grande e um despojamento de conhecimento mais elaborado e refletido.

Seguindo por essa via de reflexão, podemos perguntar pela intencionalidade da exposição pública, sobre o que se mostra explicitamente e o que se pretende comunicar, quando se faz determinadas postagens. Mais importante do que isso talvez seja perguntar o que esse comportamento revela acerca do sentido da existência no cotidiano da vida.

Este segundo aspecto nos é muito caro porque nele se mostra o ideal de vida perseguido, apontando para o que nos interessa investigar: a Ética na formação de professores diante das demandas da vida concreta, como ela realmente acontece, sem o esconderijo do anonimato ou da dissimulação que as 'redes' possibilitam. Pois é nesse espaço que, em última análise, vai se dar o processo de busca de conhecimento, muitas vezes sem muito critério e efêmero, uma vez que, apesar do esforço da sala de aula, é na rede que se busca informação na hora que for preciso dar resposta a uma demanda urgente.

Para além da necessidade de dar respostas, precisamos ter em conta que cada indivíduo é um ponto de conexão na rede. Pelo indivíduo passam muitas informações, ao mesmo tempo forma novas opiniões sem necessariamente ter preocupação de veracidade. E é nessa rede que o sujeito é formado e se forma pelo simples fato de ser mais um ponto de conexão.

Outra questão crucial e que diferencia as relações interpessoais concretas da vida cotidiana das supostas relações mediadas pelas redes sociais é que, nas primeiras, é bem mais difícil omitir-se e dissimular sentimentos e conhecimentos. No "cara-a-cara" não se pode deixar a pessoa esperando num bate papo, como se faz na rede social, só porque não se sabe o que responder ou por não se concordar, da mesma forma, não é possível apagar da relação de "amigos" aqueles com que temos sérias dificuldades ou que proporcionaram momentos de desgosto.

Na vida real, temos que dialogar com colegas que pensam diferente de nós, com professores que têm suas convicções e que não as mudarão só por que você não gosta; com alunos que têm opiniões próprias, as vezes sem embasamento teórico, mas que, na busca de afirmação, confrontam o saber a todo o momento, por isso precisamos da Ética, para que as conversas, discussões, diálogos sejam pautadas pela argumentação e tenham rigor acadêmico, conceitual; para inscrevê-las na ordem da racionalidade, embora se entre nelas (nas conversas) movidos pela paixão.

4 ASPECTOS EPISTEMOLÓGICO-METODOLÓGICOS

De saída anúncio o referencial epistemológico mais propriamente dito, que pode dar suporte a diversos desdobramentos metodológicos complementares, porque é um referencial intrinsecamente dialógico. Pelo pouco que conheço, considero que a Hermenêutica Filosófica de Gadamer é adequada ao procedimento necessário à colocação do problema, à releitura e à interpretação da tradição, bem como para orientar a busca de interlocuções com outros sujeitos a serem envolvidos na pesquisa. A primeira contribuição deste referencial consiste em lembrar-nos, a cada momento, que todo processo investigativo se dá dentro de um tempo histórico e num contexto cultural determinado, no qual cada sujeito constitui e reconstitui continuamente o seu horizonte de compreensão, que o faz perceber e interpretar as coisas de um modo também determinado.

Por outro lado, a interpretação das coisas “não é um ato posterior e ocasionalmente complementar à compreensão. Antes, compreender é sempre interpretar, e, por conseguinte, a interpretação é a forma explícita da compreensão” (GADAMER, 2015, p. 406). Desse modo, a compreensão sempre é histórica e culturalmente circunscrita, de tal modo que em culturas diversas, para sujeitos distintos, pode haver perspectivas distintas de compreender a mesma coisa. E isso não é uma perda para a possibilidade de compreender, antes ao contrário, é um ganho, porque as “culturas diversas” nos colocam numa relação aberta com as outras subjetividades, para que, no diálogo, se possa chegar a um conhecimento mais abrangente e se possa ampliar nosso horizonte próprio de compreensão, com novas possibilidades indicadas desde a perspectiva de outros interlocutores.

Em sua origem mitológica, Hermes tinha a incumbência de portar e entregar a mensagem dos deuses aos humanos, mas que não a compreendiam senão por meio de cuidadosa tradução e interpretação. E da mesma forma, Hermes retornava aos deuses com as mensagens dos humanos. Sendo assim, ele como que cumpria uma função de mediação entre dois mundos, num movimento de idas e vindas, que aponta para a circularidade da comunicação e da compreensão das coisas. Hermes, assim como o verbo derivado de seu nome, acena para respostas inconclusivas, que abrem possibilidades para novas perguntas, ao fazerem perceber que há lugares diferentes que nos trazem outra perspectiva e possibilidade de ver as coisas.

Segundo Nadja Hermann,

A criatividade do mito é produtiva de sentido para o discurso filosófico, e nessa perspectiva expomos algumas relações entre mito e hermenêutica. Hermenêutica é uma palavra associada a Hermes, o mensageiro dos deuses gregos, representado com sandálias aladas, que tem uma especial capacidade de se movimentar entre lugares distantes e trazer à luz tesouros ocultos. *Hermaion* significa fruto caído, chance, vantagem inesperada, daí a ideia de trazer o que está oculto. [...] levar mensagens e trazer consigo a possibilidade de compreensão, para qual é preciso dar-se conta que há uma distancia a superar (HERMANN, 2002, p. 21).

Para além da distância entre o divino e o humano, no caso, há compreensões diferentes, dado pelo tempo histórico presente e pela compreensão de mundo e de “horizontes” que se movimentam, se ampliam e, em última análise, se “fundem”.

Também é verdade que falamos de horizonte no âmbito da compreensão histórica, sobretudo quando nos referimos à pretensão da consciência histórica de ver o passado em seu próprio ser, não a partir de nossos padrões e preconceitos contemporâneos, mas a partir de seu próprio horizonte histórico (GADAMER, 2015, p. 400).

Uma das propostas desse método é procurar, a partir de leituras e das interpretações, alternativas novas, possibilidades para o ainda não dito diante do que já foi dito, no tempo histórico que vivemos, e que, na consideração da historicidade do próprio ser humano e do conhecimento, acena para uma busca constante, pois as coisas não estão dadas de antemão, tampouco se repetem. Antes ao contrário, exigem questionamento permanente, retomadas contínuas, constante re-começar.

A hermenêutica procura valorizar a visão de quem se põe a investigar, afinal um mesmo objeto pode ser visto de vários ângulos e cada olhar ou pessoa que o visualiza terá a percepção de uma face, enxergará um lado, mesmo que seja o mesmo objeto. Como se fosse olhar um caleidoscópio, a cada giro uma nova figura se apresenta; a hermenêutica faz os contornos para um giro epistêmico.

Mas esse aparente perspectivismo não é impedimento, sequer dificuldade’ para a compreensão das coisas, como se poderia pensar a partir de uma concepção objetivista de conhecimento, Ao contrário, leva-nos a atitude fundamental da hermenêutica filosófica, que se caracteriza pela primazia da pergunta, a partir da suspeita de que ‘é assim’, mas que pode ser de modo diverso. Assim, predispõe-nos para o diálogo e para ouvir o outro em suas pretensões de verdade.

E deixando-nos conduzir por esse movimento, a hermenêutica nos conduz para uma forma radical de dialética, isto é, para um movimento no qual somos conduzidos através do logos da própria coisa em questão (diálogos), o que, em

última instância, significa o acontecer da verdade na própria coisa, ou como pretendia a Fenomenologia, chegar às coisas mesmas, como base da reflexão. Espero que, por meio desta forma dialógica de ir andando por meio das coisas, possamos compreender as razões e o fundamento antropológico que está subjacente à ausência do estudo da Ética na formação de professores, como disciplina curricular.

No texto intitulado *Hermenêutica Filosófica – Perspectivas para pesquisa em educação*, Kronbauer salienta “a necessidade de termos uma atitude hermenêutica, que consiste em estar aberto à verdade do outro”, e este outro é tudo o que não sou eu, que se apresenta como linguagem, uma alteridade, não como um objeto a ser estudado, dissecado, desmembrado, até porque o outro é sempre muito mais do que imaginamos. É um ser existente com suas próprias verdades. Ao tentarmos desvelar essa realidade que se apresenta, já estamos dando uma interpretação a ela, mas se faz necessário, na atitude hermenêutica, estarmos abertos ao outro.

E não se trata de um perspectivismo radical, que nos levaria ao mero relativismo, para o qual não há sequer mais a possibilidade de se falar de verdade, como aponta Grondin, referindo-se à universalidade do reino interpretativo da filosofia de Nietzsche: “Não há fatos, só interpretações” (GRONDIN, 2012, p. 10).

No presente estudo, ao tema ainda resguardamos a pretensão de podermos compreender as implicações da ausência/presença da Ética na Formação de Professores, conforme já enunciamos anteriormente. Oramos pelo referencial epistemológico-metodológico da *Hermenêutica* de Gadamer por entendermos que ela possibilita os trânsitos entre perspectivas distintas, por vezes até antagônicas entre si, mas cada qual entrando no grande diálogo para contribuir no processo de interpretação e de compreensão da coisa em questão, como disse Gadamer, na direção de uma universalidade cada vez mais ampla.

Essa não é somente uma virtude deste referencial, é também o reconhecimento de seus limites, que são os limites dos horizontes de compreensão das pessoas concretas historicamente situadas, com seu universo linguístico próprio, dentro do qual procuram interpretar essa temática com que estamos às voltas; reconhecimento do limite de que não podemos compreender para além do nosso tempo, do nosso universo linguístico, etc. A questão da linguagem, referida no parágrafo anterior, remete-nos positivamente para o aspecto antropológico fundamental de que o ser humano é, essencialmente, um ser em comunicação, e que, até mesmo quando ele está recolhido na solidão do pensar, está sempre num

grande diálogo, porque se move no universo linguístico que ele comunga com os demais seres humanos de sua comunidade linguística; ele é e se reconstitui constantemente na linguagem e pela linguagem, atestando assim a radical intersubjetividade de ser-com-os-outros, num mundo comum. E neste movimento dialético os seres humanos, se assim o souberem, podem ir ampliando sua cultura e aperfeiçoando suas relações de intersubjetividade pela mediação do mundo-linguagem comum; podem tornar-se seres humanos melhores, menos individualistas, mais colaborativos e solidários.

Assim entendida, a comunicação é o substrato material e simbólico de uma vida melhor, apontando para aquilo que é objeto primeiro da Ética: o Bem! Mas para a Hermenêutica esse processo é contínuo, histórico, porque a cada momento, neste grande diálogo, surgirão novas perguntas, mantendo o pensar em constante abertura, em consonância com a historicidade do conhecimento e do próprio ser humano, para o qual não existe, portanto, saber definitivo, ponto final da história e, igualmente, sem que se pare de dizer a sua verdade. Ou, parodiando Galeano, que, referindo-se à comunicação, disse que ‘a verdade faz nascer a necessidade de dizer, diante da verdade não há nada que detenha a voz humana. “Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for.” E continua dizendo que cada pessoa tem algo a dizer aos outros, “alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada pelos demais” (GALEANO, 2009, p. 23).

A necessidade de comunicar vai além do que é dito verbalmente. Mas quando verbalizamos o que pensamos, não temos mais a certeza de que aquilo que dizemos seja entendido da mesma forma como o pensamos enquanto o expressamos. A partir do momento que foi comunicado já não é mais nosso, misturou-se com as outras experiências, entendimentos, historicidades, compreensões, “horizontes”.

Assim como cada um jamais é um indivíduo solitário, pois está sempre se compreendendo com os outros[...]. O horizonte é, antes, algo na qual trilhamos nosso caminho e que conosco faz caminho. Os horizontes se deslocam ao passo de quem se move. Também o horizonte do passado. Do qual vive toda a vida humana e que se apresenta sob a forma de tradição, que já está sempre em movimento (GADAMER, 2015, p. 402).

Passado que Gadamer chama de tradição, no sentido de ser algo de que nos mesmos somos portadores, mensageiros e intérpretes e que, ao mesmo tempo, é esse algo que nos suporta e carrega; esse passado, a tradição, que nos atinge na forma de linguagem, não pode ser negligenciado quando se pretende entender um

problema, uma temática específica, ou mesmo quando se trata da questão geral de saber o que nos tornou o que somos, isto é, nosso autoconhecimento como condição para a autotransformação. Repetindo, tudo isso se estriba sobre a capacidade de perguntar, sobre a abertura ao outro, ao diferente do próprio; do verdadeiro perguntar, diferente da pergunta retórica, que é apenas um artifício para induzir o outro a dizer o que já se supõe sabido e verdadeiro.

O verdadeiro perguntar é dialógico, que confronta ‘logói’ dos diversos interlocutores, dos seus saberes, questionando os contextos e horizontes dos dialogantes, e neste movimento de idas e vindas, de pergunta-e-resposta, pode-se ir compreendendo melhor as coisas em questão. É neste sentido que Gadamer diz que o diálogo é pré-requisito para a própria autocompreensão, para nos darmos conta do lugar desde o qual nós falamos. Por outro lado, espera-se que no diálogo, nesta busca em comum, se possa compreender com mais propriedade a mensagem da realidade objetiva, para ser intérprete também, não somente portador e mensageiro, para poder comunicar aos outros interlocutores uma nova interface daquilo que já havia sido pensado e dito anteriormente. Assim entendida, a Hermenêutica é processo contínuo e aberto, predisposição para o ainda-não, possibilidade sempre renovada de novas releituras.

Na perspectiva da Hermenêutica de Gadamer, que leva a sério a historicidade, também a produção de conhecimento na área da educação, segundo Berticelli, configura-se no âmago da historicidade; está exposta aos efeitos da História que agem e que determinam os horizontes individuais e coletivos de compreensão (BERTICELLI, 2004, p. 320-321). Nesta ação da história, ou na aceitação de que a história vive em cada compreensão, estriba-se a crítica da Hermenêutica ao objetivismo e à hermenêutica moderna, que, segundo Grondin (2012, p. 10), propôs regras de interpretação de textos antigos para evitar a arbitrariedade e o subjetivismo, abrigo desse modo o mais ‘completo contrassenso’ – de que se pode interpretar desde um lugar externo à história.

Ao se passar agora para a vida Ética, utilizando aqui o termo como sinônimo de viver moralmente bem, isto é, pautado por valores e princípios como a solidariedade, o respeito pela vida, a compaixão, a empatia, a preocupação com as gerações futuras, percebe-se que, diante da diversidade de posturas e opiniões, há que se poder legitimar argumentativamente as escolhas, dentro desta perspectiva do grande diálogo; dizer sim a determinadas posturas e dizer não a outras, para não ser algo precipitado e insustentável, demanda muito tempo de conversa, dispêndio de

muita energia, mas que parece justificar diante do que se pretende, isto é, uma vida boa, ou o “Bem Viver”¹⁰, em formas de convivência socialmente sadias.

Esperamos que a Hermenêutica Filosófica, como forma de procedimento, possa ocasionar a emergência de novos elementos, para conversar sobre a importância da Ética na formação de professores, especialmente ao enfatizar a radical historicidade, tanto de uma quanto de outra e o esforço da reflexão que ambas demandam.

Embora já esteja implicitamente dito, entendo que a abordagem adotada pode ser definida como qualitativa, definida por Chizzotti (2010, p. 79) como sendo aquela que “parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito [...] um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. Claro que isso condiz com a Hermenêutica, no sentido de que a relação entre sujeito e objeto se misturam e interagem, conforme indica o autor, e isso parece apropriado à natureza de nossa pesquisa, uma vez que não estamos apenas na proximidade daquilo que pretendemos estudar, mas nós mesmos estamos numa relação dialética, de tal modo que soa inadequado utilizarmos termos como sujeito e objeto. Certamente pretendemos ir além das aparências e encontrar o que é essencial à coisa em questão, mas sabemos que neste processo investigativo também acontece a transformação dos envolvidos. Nesse sentido é, ao mesmo tempo, tentativa de elucidação de um problema e processo de autotransformação.

A pesquisa consistirá em releitura de autores que tratam do tema, desde os clássicos da filosofia até alguns contemporâneos da Educação. O que caracteriza uma pesquisa do tipo bibliográfica, definida por Severino (2007, p. 122) como sendo aquela,

(...) que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Depois dessas breves considerações sobre procedimentos metodológicos, queremos abordar a importância da Ética na formação de professores, que é propriamente o tema da dissertação. Começamos com uma exposição sobre o

¹⁰ Queremos usar essa palavra no sentido originário empregada por Aristóteles, mas também no sentido que conhecemos hoje, “um outro mundo é possível” “Patia Mama”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/natureza/blog/nova-etica-social/post/bem-viver-o-conceito-que-imagina-outros-mundos-possiveis-ja-se-espalha-pelas-nacoes.html>>. Acesso em: 12 mai. 2017.

escopo da pesquisa, ou seja: problema, objetivos, justificativa, e a incipiente experiência que temos na lida com a temática. Seguiremos delineando a importância de estudar essa temática na atual conjuntura e suas implicações.

Na sequência, temos como tarefa definir melhor o que entendemos por Ética, em diferenciação à moral, pois isso é imprescindível para sabermos de que estamos falando e para direcionar previamente a elaboração da dissertação. Na sequência, podemos fazer menção a alguns atores que perfazem conosco o processo formativo e esclarecer que não se trata de pesquisa empírica; se a empiria aparece, é apenas secundariamente, como ‘bengala’ da argumentação, para utilizar uma expressão de Habermas. Tentaremos mostrar ainda que este estudo é importante principalmente porque se trata de uma reflexão imprescindível ao viver bem, no sentido moral e porque estamos vivendo uma situação histórica concreta de muita imoralidade e desmoralização, além daquilo que já citamos na narrativa autobiográfica de que estamos passando por um período de mudanças no modo de elaborar, construir e adquirir conhecimento, e que isso carrega uma série de implicações discutíveis para a reflexão mais criteriosa.

Por outro lado, há discursos emergentes que acentuam o cuidado de si, que precisa articular-se ao cuidado dos outros e do mundo, de tudo que está a nossa volta. Percebemos, assim, que estamos envolvidos em algo maior e mais complexo a nos interpelar para um comportamento mais responsável nas relações em geral. Isso passa necessariamente pelos processos formativos e é mais decisivo na educação infantil e de série iniciais, conforme já argumentamos anteriormente. Diante da complexidade do tema e da responsabilidade histórica dele, optamos por perguntar àqueles que, distantes de nós ou mesmo próximos, já se ocuparam dessa temática. Vamos, pois, à pesquisa bibliográfica ou à releitura de clássicos e contemporâneos.

5 PARA COMPREENDER A IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NO PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES

Trataremos da Formação de Professores para a educação infantil e para as séries iniciais numa interlocução com diversos autores reconhecidos nessa área, uma vez que o tema exige uma compreensão ampliada do assunto. Acredito que a formação é um processo de configuração que a pessoa faz em relação àquilo que ela quer para si mesma, assim ao estilo da 'bildung'¹¹, como construção de si na direção de traços de uma imagem do humano. Mais ainda é um processo de assimilação de determinadas posturas, comportamentos que são próprios da função que se deseja desempenhar, ou que se desempenha.

Os professores em fim de carreira, de modo geral, já se conformaram à configuração imaginada e/ou se adaptaram a um determinado modo de ser no mundo. É de considerarmos que aqueles que já exercem a docência e vivem a educação como educadores há mais tempo podem ser mais experientes, com mais sabedoria prática, embora os fatores de acomodação também possam fazer com que já não se disponham mais tão facilmente a “sair do trilho” seguro, percorrido durante a sua trajetória. Possuindo certa dificuldade de adotar novas formas de desenvolver os conteúdos ou de se adaptar às ferramentas tecnológicas, faltando assim, em alguns, aspectos uma versatilidade no diálogo com a geração subsequente.

Ainda como ideia geral, podemos partir da máxima de que formação de professores é um processo de humanização, de si mesmo e dos outros, um processo intersubjetivo e que, por isso, é um refazer-se ao longo de toda a vida. Humanizar-se é deixar-se envolver por novas experiências para com elas aprender, alargar os horizontes; é predisposição para o ainda-não. Ernani Maria Fiori, no prefácio da obra *Pedagogia do oprimido*, afirma que “[...] os homens humanizam-se, trabalhando juntos para fazer do mundo, sempre mais a mediação de consciências que se coexistenciam em liberdade” (FIORI Apud FREIRE, 1987, p. 20).

Continuando a conversa com Tardif, o professor seria aquele sujeito que já tem conhecimentos e que é, ao mesmo tempo, sujeito de seu processo formativo;

¹¹ Termo em Alemão que foi traduzido para o português como “formação”. Para melhor entender esse termo ver: *Sobre o conceito de educação (Bildung) na filosofia moderna alemã* - Fabiano de Lemos Britto.

alguém que produz conhecimento a partir de sua prática e das suas experiências em sala de aula, seja no processo acadêmico, seja como docente. Por isso a sua formação está intimamente relacionada com a realidade e está arraigada no ‘chão’ da vida concreta.

Nessa perspectiva, toda pesquisa sobre o ensino tem, por conseguinte, o dever de registrar o ponto de vista dos professores, ou seja, sua subjetividade de atores não é em vão, assim como os conhecimentos e o saber-fazer por eles mobilizados na ação cotidiana. De modo mais radical, isso quer dizer também que a pesquisa sobre o ensino deve se basear num diálogo fecundo com os professores, considerados não como objetos de pesquisa, mas como sujeitos competentes que detêm saberes específicos ao seu trabalho (TARDIF, 2010, p. 230).

Apesar de o autor estar se referindo à experiência da “América do Norte”, este indica alguns elementos significativos sobre a pesquisa docente. São linhas que precisam ser levadas em conta, pois envolvem dimensões da vida da pessoa, algumas de foro pessoal, relacionadas ao psiquismo dos agentes. Na obra “Saber docente e formação profissional”, Tardif lembra que a formação não fica limitada à Universidade, principalmente porque cada professor e professora é sujeito de seu processo formativo, e isso vale também para os novos professores. Cada qual faz a sua experiência, em diferentes lugares e espaços.

Ele lembra que, acima de tudo, professores formam outros professores, pelo simples fato de compartilharem experiências acumuladas. Esse fato me parece relevante em nosso tema, uma vez que o que foi vivido traz consigo experiência morais e reflexões Éticas de suma importância ao formando. São os “professores de profissão, os quais se tornam parceiros dos professores universitários na formação de seus futuros colegas” (p. 241). Segundo o autor,

[...] a formação para o ensino ainda é enormemente organizada em torno das lógicas disciplinares. Ela funciona por especialização e fragmentação, oferecendo aos alunos disciplinas de 40 a 50 horas. Essas disciplinas [...] não têm relação, entre elas, mas constituem unidades fechadas sobre si mesmas e de curta duração e, portanto, de pouco impacto sobre os alunos (TARDIF, 2010, p. 241).

Ainda que esta seja uma discussão em aberto nas instituições de ensino, daí a insistência em valorizar as questões práticas nos processos de formação docente, para perceber que nos Cursos de formação inicial de professores, normalmente as atividades acadêmicas e as disciplinas não se relacionam umas com as outras e que, por isso mesmo, não oportunizam, à rigor, uma formação integral. Quanto a

isso, esperamos que a Ética, na formação inicial, possa auxiliar na percepção destas limitações e, até mesmo, indicar possibilidades de práticas dialógicas entre as diversas áreas de conhecimento que servem de mediação para essa formação.

Outro autor que nos ajuda a refletir sobre a temática da formação de professores é Antônio Nóvoa, notadamente quando afirma que a formação de professores, mais do que um lugar de aquisição de técnicas e de conhecimentos, é o momento-chave da socialização e da configuração profissional. Se por um momento nos debruçamos sob a formação inicial, não podemos perder de vista a formação continuada, que na verdade garante novas compreensões a partir da realidade já vivida. Mas segundo esse autor (NÓVOA, 1992, p. 9), erroneamente, “a formação contínua tende a articular-se em primeira linha com os objectivos do sistema, nomeadamente com o desenvolvimento da reforma.” Para Nóvoa isso é inaceitável, porque deixa de conceber a formação continuada na perspectiva do “desenvolvimento profissional dos professores e do desenvolvimento organizacional das escolas”.

Por isso o autor insiste na necessidade de reconhecer as deficiências e os problemas dos programas de formação de professores, pensando para além dos posicionamentos tradicionais. Temos que pensar a formação de professores a partir de outra lente, outra perspectiva, na tentativa de mudança, agregando valores e princípios que orientam o fazer do professor e o aprendizado do estudante.

Para este autor, a formação de professores deveria ser pensada em articulação com o desenvolvimento profissional docente. Para isso, Nóvoa (1992, p. 12-13) afirma:

A formação de professores tem ignorado, sistematicamente, o desenvolvimento pessoal, confundindo "formar" e "formar-se", não compreendendo que a lógica da actividade educativa nem sempre coincide com as dinâmicas próprias da formação. Mas também não tem valorizado uma articulação entre a formação e os projectos das escolas, consideradas como organizações dotadas de margens de autonomia e de decisão de dia para dia mais importante. Estes dois "esquecimentos" inviabilizam que a formação tenha como eixo de referência o desenvolvimento profissional dos professores, na dupla perspectiva do professor individual e do colectivo docente.

O professor, antes de tudo, é uma pessoa que carrega consigo muitas experiências do convívio humano e a reflexão sobre o mesmo. Isso quer dizer que tudo o que viveu tem estreita relação com o seu fazer docente, ou seja, todos os

atravessamentos vividos são levados em consideração, quando falamos da formação de um professor, bem como de seu desenvolvimento profissional.

Por isso que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje, ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se funda com a prática. O seu distanciamento epistemológico da prática enquanto tema de sua reflexão, deve dela aproximá-lo ao máximo (FREIRE, 2011, p. 43-44).

Freire aduz a esse quesito epistemológico uma opção política, quase que Ética, a de que a reflexão crítica precisa ter como ponto de referência e lugar de contínua realimentação, a realidade dos mais desprovidos, dos oprimidos, por uma questão de humanidade mesmo. O outro é, nesse sentido, o motivo da reflexão e o critério de decisão para o fazer e o agir humanos, porque ele precisa de proteção, de cuidado, não raro especial, isto é, quando em situação de vulnerabilidade. E assim, ressaltando a reflexividade, seu ponto de partida e de chegada, Freire nos coloca diante do que chamamos de Ética, como referência ou como critério que baliza a reflexão sobre a prática e também a Formação inicial de Docentes. Os “saberes necessários à prática educativa”, isto é, toda a Pedagogia da Autonomia, é uma insistência nesta necessidade de termos a Ética como referência, como luz interna à reflexão e à ação. Por isso que cada um dos nove subtítulos de cada um dos três capítulos inicia com a advertência: “ensinar exige...”; quase como que dizer, “os educadores/as devem”.

Não aprofundaremos como estudo detalhado a especificidade da área de atuação dos formados em pedagogia, mas levamos em conta que os egressos desse Curso estão habilitados para trabalhar com a educação infantil e com as séries iniciais da Educação básica, portanto, nas fases mais decisivas de formação da consciência moral das crianças. Por isso ressurgem constantemente a pergunta e a preocupação sobre a formação, como referência ou suporte para a educação moral, que acontece mesmo que a professora ou o professor não saiba ou nem admita, ou pior, quando pensa que o bom senso, a intuição, a afeição e o amor são conselheiros suficientemente qualificados para essa finalidade.

Esses valores são importantes e muito válidos, e precisam estar presentes nas relações pedagógicas, mas são insuficientes e não justificam a ausência da Ética como conteúdo acadêmico a ser desenvolvido nos cursos de pedagogia; muito

menos que ela não seja abordada de maneira transversal. O bom senso nem sempre é o melhor conselheiro, menos ainda os sentimentos de afeição, etc. quando não existe uma referência crítica para os mesmos.

A trajetória formativa vai nos revelando, ao longo do processo, que a formação nos dá alguns elementos essenciais para o desenvolvimento da atividade docente. Por outro lado, ao se depararem com as diversas concepções de mundo das crianças, suas convicções e as muitas 'verdades' acadêmicas parecem insuficientes e mesmo as crenças sedimentadas ao longo da formação inicial parecem se derreter como cera ao calor do sol.

E nestas ocasiões aparece mais fortemente a diferença entre quem se deixou instrumentalizar ao longo de sua vida, incluindo aí a formação acadêmica, e que por isso não sabe fazer muito mais do que tentar instrumentalizar também as crianças, dando continuidade a um processo viciado; e as poucas professoras que, por caminhos diversos ao da formação inicial prevista nos currículos, conseguiram se autotransformar em educadoras criativas, sensíveis aos apelos explícitos e não explícitos de cada criança, para além daquilo que aprendeu 'sobre' crianças.

Parece que isso não tem muito a ver com Ética, mas se numa reflexão sobre essa subárea da filosofia tivermos a oportunidade de nos darmos conta da incidência das atitudes pedagógicas sobre a formação da consciência moral das crianças, de saída, perceberemos que 'o respeito ao outro como outro' inicia pelo silêncio da escuta, pelo acolhimento da singularidade de cada criança, além de outras implicações que pretendo desenvolver na sequência. Adianto, para exemplificar, as questões que envolvem o cuidado de si, a mudança epistemológica e a urgência de uma nova consciência ecológica.

Ao expressar o processo de conscientização e falar em instrumentalização, podemos usar como exemplo ilustrativo a questão de um instrumento musical, digamos um violão. Sua finalidade é produzir sons harmônicos e de qualidade, no entanto, se as cordas, que são as disciplinas, não estiverem suficientemente esticadas (afinadas) não sairá um som agradável harmônico e que possa chamar de acorde (música). Se estiver faltando uma ou mais cordas, então, será impossível tocar alguma canção. Acredito que formação docente sem o estudo da Ética é como violão sem uma corda, até serve para iniciar a instrumentalização de uma criança, mas nunca poderá tocar uma música inteira agradável e empolgante. Sempre estará faltando alguma coisa para o acorde soar em sua completude, mas para quem não

conhece harmonia, até soa bonito, para quem conhece, no entanto, dá uma sensação desagradável.

A formação em Ética parece ainda mais urgente e necessária ao se considerar que vivemos numa sociedade capitalista, de mercado, que atinge diretamente as crianças pela difusão do espírito individualista de concorrência e de competição sem limites, através de meios diversos e eficientes, uma sociedade centrada no eu e na sua lógica egológica de sair de si para retornar a si mais cheio de si¹², com mais poder sobre os outros.

A exclusão da Ética, como reflexão crítica, isto é, pautada por princípios universalizáveis, é uma das facetas desta sociedade, até para fazer transparecer a sensação de uma ‘democracia’ de defesa do interesse particular, como se aí residisse o respeito ao diverso. Teremos que justificar melhor essa afirmação e denunciar a precariedade dos fundamentos antropológicos da moral utilitarista que, em última análise, tornou-se a moral do sistema econômico vigente.

Uma moral que supõe que cooperar com os outros é proveitoso, porque em troca recebe a cooperação dos outros, mas que, ao sobrepor o interesse do indivíduo ao interesse geral, faz com que cada um pense que colaborar é bom, mas que se pudesse só parasitar seria ainda melhor, pois teria muitos benefícios sem nenhum custo. Basta observarmos atentamente algumas peças publicitárias, até mesmo aquelas que são divulgadas na programação infantil, para nos darmos conta do que estou adiantando previamente aqui.

5.1 PARA NOS ENTENDERMOS: O QUE É ÉTICA?

Originariamente, a Ética é uma subárea da Filosofia, mas dada a complexidade de seu objeto, isto é, o “comportamento moral dos seres humanos em sociedade” (VAZQUEZ, 2005, p. 23), ela se caracteriza, atualmente, como uma Área tipicamente interdisciplinar, senão transdisciplinar, que circula entre as ciências humanas e ciências da vida, do meio ambiente, etc. Ela não é mais patrimônio exclusivo da Filosofia, se bem que a inter/transdisciplinaridade ainda o sejam. Sobre isso Kronbauer (1998, p. 03). afirma:

¹² Disponível em: <<http://cristianonabuco.blogosfera.uol.com.br/2015/01/07/a-psicologia-dos-selfies-autoexpressao-ou-sinal-de-problemas/>>. Acesso em: 17 fev. 2018.

Para dar conta dessa questão, a ética lida com conhecimentos de outras áreas. Ela é um saber que dialoga com as ciências humanas e as ciências da vida, uma vez que é impossível dar conta do problema da consciência, da liberdade, da responsabilidade, do conhecimento dos motivos, dos fins visados e dos possíveis efeitos da ação, sem a discussão com os avanços do conhecimento em geral. Se bem que esta transdisciplinaridade ainda pode ser considerada filosofia, numa concepção epistemológica nova, que substitui a visão mecanicista e fragmentada pelo holograma.

A Ética nasce das demandas do cotidiano, da vida comum ou do mundo da vida, das diferentes formas de viver a vida, tomando-as como assunto de reflexão, para a eles retornar como contribuição teórica. Alguns a definem de modo restrito, como uma ciência que forma “caráter”, *persona*¹³, do “modo de ser” no mundo e com os outros seres. Pensá-la somente sob esse aspecto seria confundi-la com o processo pedagógico de formação da consciência moral e retirá-la de seu lugar filosófico. Além da confusão do termo com ‘a moral’, há também usos do termo sem maior rigor nas expressões tipo ‘Ética profissional’, por exemplo, que normalmente sequer indica ‘uma moral’; é apenas um código de conduta profissional. Por isso, para nos entendermos sobre o assunto, precisamos partir de uma definição de Ética que seja consensual, pelo menos, entre aqueles filósofos e intelectuais de outras Áreas que discutem essa questão conceitual para além da finalidade utilitarista de associá-la à prática do bem comum.

Diante dessa aceção, começo com uma citação de Cortina e Martinez, afirmado que “a ciência do bem em geral” a rigor não existe. O que existe é uma variedade de doutrinas morais [...] e uma disciplina filosófica, a Filosofia moral ou Ética, que por sua vez contém uma variedade de teorias éticas diferentes, e até contrapostas entre si’ (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 15).

Parece estranho falar “diferentes teorias éticas” ou então “qual destas teorias de ética se poderia seguir”, mas, ao longo da história, foram formuladas várias que se adaptaram melhor à realidade e à compreensão da época. São as teorias filosóficas acerca da moral, como a Ética de Aristóteles, que na verdade não é uma obra somente, são diversas obras nas quais ele desenvolve sua concepção de vida boa e feliz. Então, apesar das diferentes correntes de pensamento sobre a moral, a Ética se caracteriza por pesquisar sobre o comportamento dos seres humanos em sociedade; este é o seu objeto empírico constante. Mas quanto ao procedimento

¹³ Queremos dar o sentido de personalidade, caráter individual de cada pessoa. Ver o sentido proposto pelo dicionário Abaghamo, na palavra “personalidade” (ABBAGNANO, 1998, p. 758).

metodológico há uma grande diversidade de formas, que conferem estrutura de pensamento diferenciado para cada teoria, enquanto que às propostas de cada uma delas têm como base uma determinada concepção de ser humano e de sociedade.

A Ética está, pois, ligada diretamente ao comportamento moral, ao agir humano, a primeira tem vocação universal e se ocupa de questões teóricas, a segunda, está mais no chão da vida, é variável de grupos para grupos, região para região, núcleo de convivência para núcleo de convivência. Na expressão de Vazquez (2005, p. 16), os problemas morais são problemas particulares e concretos com que as pessoas se defrontam no dia-a-dia e diante dos quais precisam tomar decisões e agir, enquanto que os problemas da Ética são gerais e teóricos, como, por exemplo, tentar definir o que é o bem, o que caracteriza o comportamento moral, etc.

Esta distinção se faz necessária, pois resulta algo concreto na prática cotidiana das pessoas, os implicados terão consciência do que estão fazendo na prática, e, sabendo o que fazem, terão igualmente ciência das possíveis consequências de seu fazer. Uma coisa é a prática da vida nas relações que vamos estabelecendo e construindo, outra é o que refletimos sobre nosso agir influenciando nosso fazer, mesmo que as duas aconteçam simultâneas, sem que percebamos esse movimento reflexivo que realizamos. Mas temos que convir que o refletir nem sempre acontece, a não ser que nos deparemos com situações que necessitemos parar e reorganizar o nosso fazer e nossa vida.

A distinção que estamos construindo não é etimológica, uma vez que, a grosso modo, os termos Ética e moral podem ser tomados como sinônimos, o primeiro de origem grega, denotando ‘o modo habitual de comportamento’, o costume, e o segundo, de origem latina, que também significa costume. Por isso apelamos para definições de especialistas que se ocuparam do assunto e adotamos o conceito que também é adequado à forma de procedimento adotada pelos clássicos quando ‘faziam Ética’, isto é, quando teorizavam sobre a moral.

Assim chamamos de “moral” esse conjunto de princípios, normas e valores que cada geração transmite à geração seguinte na confiança de que se trata de um bom legado de orientações sobre o modo de se comportar para viver uma vida boa e justa. E chamamos de “Ética” essa disciplina filosófica que constitui uma reflexão de segunda ordem sobre os problemas morais. A pergunta básica da moral seria então: “o que devemos fazer?”, ao passo que a questão central da ética seria antes: “por que devemos? ou seja, “Que argumentos corroboram e sustentam o código moral que estamos aceitando como guia de conduta? (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 20).

Ambas as palavras mantêm assim uma relação que não tinham propriamente em suas origens etimológicas.

Certamente moral vem do latim *mos* ou *mores*, “costume” ou “costumes”, no sentido de conjunto de normas ou regras adquiridas por hábito. Amoral se refere, assim, ao comportamento adquirido ou modo de ser conquistado pelo homem. Ética vem do grego *ethos*, que significa analogamente “modo de ser” ou “caráter” enquanto forma de vida também adquirida ou conquistada pelo homem. Assim, portanto, originariamente, *ethos* e *mos*, “caráter” e “costume”, assentam – se num modo de comportamento que não corresponde a uma disposição natural, mas que é adquirido ou conquistado por hábito. É precisamente esse caráter natural da maneira de ser do homem que na Antigüidade, lhe confere sua dimensão moral (VÁZQUES, 2005, p. 24).

Já Leonardo Boff, acentuando a *Ética do Cuidado*, entende que “*Ethos* em seu sentido originário grego significa a toca do animal ou casa humana, vale dizer, aquela porção do mundo que reservamos para organizar, cuidar, e fazer nosso habitat”. Lembra também Lima Vaz, referindo-se às origens linguísticas do termo *Ética* na língua **filosófica** grega e ao rico conteúdo semântico que nela recebeu e que, mediado por uma longa tradição, vem até nós para designar a realidade histórico-social dos costumes, como sendo a morada do humano propriamente dito, isto é, do fazer pelo qual o ser humano se torna aquilo que ele é. Fazer especificado pelo termo *práxis*, em distinção ao fazer *poiético* e *teorético*. Fazendo uma “*Fenomenologia do Ethos*”, define a *Ética* como ‘ciência do *ethos*’¹⁴. Lima Vaz (1999, p. 39) ressaltou que *ethos* designava originariamente a morada ou o refúgio de animais e passou a ser a ‘casa’ (*oikos*) do humano propriamente dito.

Como podemos perceber, essa definição de *Ética*, como “casa comum”, não deixa de conter a preocupação com aquilo que é coletivo e implica a todos, mas particularmente a preocupação pelo aspecto ecológico. O mesmo autor indica que esse “*ethos*” é algo “necessário para a sociedade humana” (BOFF, 2014, p. 39). E ainda afirma: “Quando falamos de *ethos* queremos expressar o conjunto de valores, princípios e inspirações que dão origem a atos e atitudes (as várias morais) que conformarão o habitat comum e a nova sociedade nascente”.

Lima Vaz (1999, p. 13), ao discutir a raiz etimológica da palavra *Ética*, lembra que *Ethos* tem duas significações originárias. “*Ethos* (com *eta* inicial) designa o conjunto de costumes normativos da vida de um grupo social, ao passo que *ethos*

¹⁴ VAZ, L. **Escritos de Filosofia IV – Introdução à Ética Filosófica 1**, São Paulo: Loyola, p. 35, 1999.

(com *épsilon*) refere-se a constância do comportamento dos indivíduos”. Esta segunda, a partir da tradição grega e originalidade da palavra, advém a ideia da *ethos* como morada, casa ou covil dos animais essa definição nos ajudará no quarto capítulo para apontar que a *Ética* se faz importante pela questão de uma consciência ecológica e cuidado da casa comum, alias é dessa mesma raiz etimológica que surge a palavra *ecologia*, perfazendo assim a *práxis* humana e o cuidado de si e das gerações futuras.

A definição de *Ética*, proposta por Adela Cortina, parece estar em consonância com aquilo que Boff já expressou, mas, a nosso ver, se faz necessário entendermos que,

A palavra *ética* procede do grego *ethos*, que significa originariamente “morada”, “lugar em que vivemos”, mas posteriormente passou a significar “o caráter”, o “modo de ser” que uma pessoa ou um grupo vai adquirindo ao longo da vida. Por sua vez, o termo “moral” procede do latim *mos, moris*, que originariamente significava “costume”, mas em seguida passou a significar também “caráter” ou “modo de ser”. Desse modo, “ética” e “moral” confluem etimologicamente em um significado quase idêntico: tudo aquilo que se refere ao modo de ser ou caráter adquirido como resultado de pôr em prática alguns costumes ou hábitos considerados bons (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 20).

No dia a dia não temos muito tempo para fazer distinções, mas acredito que seja de suma importância para nosso trabalho essa diferença entre *Ética* e *moral*, pois queremos verificar a importância das mesmas com a formação de professores e principalmente como essas podem contribuir no processo. Ao fazer a distinção estamos pondo as claras à diferença entre uma e outra, para que o sujeito possa ter consciência do que esta a aprender ou a ensinar, e tudo tem uma consequência para a formação da consciência *moral*, ainda que na prática cotidiana as pessoas não o fazem.

O senso comum leva-nos a fazer afirmações que acabam distorcendo o real sentido das coisas. Por exemplo: quando falamos que uma profissão tem um código de *Ética*, no fim das contas essa “normativa” não poderia ser chamada de *Ética*, mas de código de conduta, *moral* regional, pois trata do comportamento de cada indivíduo em relação ao seu fazer e com os demais, isso valendo para cada profissão em específico, em nosso caso aos professores.

Muito se fala de *Ética* e da necessidade de retornar a ela como salvação para uma mudança no comportamento humano; as religiões também se utilizam dela para fazer suas conjecturas e elucubrações, as grandes corporações afirmam ter

como princípio de suas lucrativas ações, a Ética. Os bancos, com um descarado e contraditório lucro avarento, dizem seguir a Ética do mercado, os políticos corruptos acusam seus pares em discursos inflamados, no Congresso Nacional, de não terem Ética, sendo que os mesmos estão envolvidos em desvios de verbas e corrupção da mesma forma. Desse modo, a barbárie e a banalização das relações humanas e formativas parecem servir-se do uso indiscriminado, gastando o real sentido da Ética.

Depois de haver feito a distinção entre Ética e moral e indicado as especificidades e os objetivos de cada uma, Kronbauer afirma que

[...] é desnecessário argumentar contra o uso equivocado do termo ética em expressões como: “ética profissional”, “fulano não tem ética”, carecemos de uma “ética política”, etc. O código que regulamenta o exercício profissional de uma categoria é uma moral restrita, específica, Mas quando os médicos, por exemplo, discutem sobre as maneiras morais que regem a sua atividade de profissionais, estão fazendo ética. No cotidiano porém, aplicam a moral. Ninguém “têm ética”. Cada pessoa ou grupo humano vive a sua moral. Poucos fazem ética (KRONBAUER, 1998, p. 3).

Sobre esta ótica, podemos ir adiante com Vázquez (2005, p. 24), que salienta que “a Ética não é moral e, portanto, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e prescrições; sua missão é explicar a moral efetiva e, neste sentido, pode influir na própria moral”. A importância do estudo da Ética, mesmo como ciência, se dá exatamente por esse motivo, ela é capaz de influenciar a própria moral. Então quer dizer que ela é essencial no processo de ensino-aprendizagem. Também é uma maneira de discutir na academia os comportamentos morais encontrados na realidade docente.

Sem dúvida, o bordão de que “vivemos uma crise Ética” tem sentido diante da época de mudança que vivemos. Algumas formas de pensar a Ética, a partir da filosofia, contribuíram para essa situação, inclusive para ela não estar presente como estudo obrigatório.

5.2 O SIGNIFICADO DE ÉTICA DE ACORDO COM ALGUMAS DEFINIÇÕES DE BEM

A Ética utilitarista é a que se sobressai na atualidade, apregoando o ideal de felicidade confundido com bem-estar para o maior número possível de pessoas, e perseguindo esse fim independente da preocupação com a moralidade dos meios e

suas consequências sociais. E com o pressuposto da centralidade do indivíduo que, acreditando, por exemplo, que tendo muito dinheiro será feliz, imagina que pode fazer e utilizar dos meios que achar melhor para conseguir tal finalidade.

Os pragmatistas e os utilitaristas afirmam que a moral se assenta sobre os sentimentos dos indivíduos, pois eles querem fugir da dor e prolongar o prazer. O problema é que isso é um “saco sem fundo”, pois o indivíduo nunca se sacia com o que tem e sempre quer mais. É preciso ter critérios, se a razão não coordenar esse sentimento, mesmo que ele tenha o intuito de ser bom, pode vir a fazer o mal, pois só seguiram a sua vontade. Um educador tem que ter isso minimamente claro, visto que formar caráter não está ancorado em somente fazer o bem, está em jogo que tipo de bem se fala. Por esta razão, o critério utilitarista está centrado no “EU”, e este nunca se sacia.

Essa forma de conceber a Ética é um problema para a área da educação, pois desloca a centralidade da educação do educando para o educador. Pode ser que o educador não esteja ocupado com o processo do seu estudante, então ele vende seu conhecimento e isso basta. É basicamente fazer coisas para conquistar outras coisas. Uma lástima pensar e agir dessa forma.

É preciso levar em conta o que Aristóteles, na obra *Ética a Nicômaco*, defende ser uma vida Ética. Para ele, uma vida Ética é uma vida feliz. Ainda no início da obra, quando está construindo a definição de “bem”, ele indica que:

[...] a felicidade, acima de qualquer outra coisa, é considerada como esse sumo bem. Ela é buscada sempre por si mesma e nunca em interesse de uma outra coisa; enquanto a honra, o prazer, a razão, e todas as demais virtudes, ainda que as escolhermos por si mesmas[...], fazemos isso no interesse da felicidade, pensando que por meio dela seremos felizes. Mas a felicidade ninguém a escolhe tendo em vista uma outra virtude, nem, de uma forma geral, qualquer coisa além dela própria (ARISTÓTELES, 2003, p. 25-26).

Como podemos perceber na citação acima, a felicidade deve ser buscada em si mesma, um fim em si, não como meio para alcançar outra virtude. O educador comprometido realizará sua tarefa em vista do bem dos seus estudantes, pois entende que nem sempre o processo educativo se dá de maneira tranquila, às vezes há uma necessidade de tensionamentos (até frustrações), ou de gastar um tempo para construir essa felicidade. O professor que deseja buscá-la pura e simplesmente, como bem próprio, provavelmente terá dificuldade em seu agir.

Mas diante dessas afirmativas sobre Ética, se dizemos que uma das tarefas da Ética é o bem comum, cabe nos perguntarmos o que é o bem? Podemos nos perguntar, o que é o bem? Como poderíamos defini-lo, para melhor confirmar sua impotência no processo formativo de professores? Propormo-nos a esse compromisso é uma tarefa bastante complexa, ainda mais no que se refere ao processo formativo, uma vez que, desde os pré-Socráticos, muitos filósofos se debruçaram sobre essa questão, no entanto nenhum conseguiu definir determinantemente o que venha a ser. Seja ela a partir de uma visão subjetivista ou metafísica.

Apesar de serem relacionados com a Ética, mesmo os mais experimentados pensadores, não definiram de maneira cabal o que poderia ser definido como o bem. Entre os filósofos que procuram desenvolver sobre o que seria o bem, poderíamos salientar a ideia de Sócrates, que colocava o bem como uma meta a qual deveria ser perseguida pelo ser humano ao longo da vida. Falando sobre Sócrates, Adela Cortina (2005, p. 54), vai dizer que:

A excelência humana se revela antes de tudo na atitude de busca do verdadeiro bem, pois só quem chega a conhecer esse bem pode colocá-lo em prática. Em consequência o primeiro passo para alcançar a perfeição moral é o abandono de atitudes dogmáticas e céticas [...] e a consequente adoção de uma atitude crítica que só deixa convencer pelo melhor argumento.

Por outro caminho, entendendo que a tarefa fundamental da Ética consiste em apresentar o Bem, fazemos rápida alusão a autores como Platão, para o qual o bem “é o que confere verdade aos objetos cognoscíveis, que conferem ao homem o poder de conhecê-los, que confere luz e beleza as coisas” (ABBAGNANO, 1998, p. 107), ou seja, um bem absoluto. Ele expressa essa forma de conceber o que é o bem, pois tem uma compreensão de mundo dividido em duas partes, o que é sensível e o mundo das ideias, mundo inteligível e a realidade.

[...] o Bem é uma realidade em si mesmo, algo distinto e separado das coisas boas: justamente aquilo que faz com que as coisas boas sejam boas e justamente aquilo que impregna de inteligibilidade toda a realidade permitindo que seja cognoscível para nós (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 57).

Segundo o fundador do Liceu, a Escola Peripatética, quem se aproxima do bem por meio do conhecimento, vive e age quase que necessariamente em conformidade com ele, uma vez que esse conhecimento, que é o saber prático, se

adquire por meio da atitude contemplativa diante de suas próprias vivências, atitude que hoje denominamos de reflexiva em expressões como “docentes reflexivos”. É o velho “vivendo e aprendendo”. Numa lógica teleológica, Aristóteles entende que “todo conhecimento e todo trabalho visa a algum bem [...] esse bem supremo é a felicidade. o bem viver e o bem agir equivalem a ser feliz” (ARISTÓTELES, 2013, p. 19), no entanto tem uma condição para o indivíduo viver essa felicidade, ela precisa ser virtuosa e necessitamos viver numa sociedade que tenha leis justas e seja governada como tal.

Outra concepção de Bem, que de certa forma remonta à teoria de Epicuro, é a formulação utilitarista moderna, dos pensadores ingleses como John Locke. Partindo da concepção antropológica individualista, esses autores identifica o Bem com o prazer e o mal com o sofrimento. Há uma discussão muito mais ampla sobre isso na tradição utilitarista, desde Hobbes, passando por Bentham e John Stuart Mill, mas as questões centrais de que partem é cada indivíduo se move pelo seu interesse egoísta e que, por causa disso, a colaboração é sempre por interesse, e, o outro princípio, econômico, é que esse egoísmo se estriba sobre a ‘escassez’, isto é, de que não tem pra todos os indivíduos. Para, pelo menos, garantir a convivência social, teríamos a saída absolutista de Hobbes (mais coerente) ou o arremedo de Bentham e Mill, que dizer que a ação boa é a que proporciona maior grau de felicidade para o maior número possível de pessoas. E os outros?

É de fundamental importância estudarmos essas teorias para nos darmos conta de que na prática podemos estar contribuindo para a formação de uma consciência moral individualista, cujo resultado mais acabado é a indiferença diante do sofrimento do outro, o cinismo moral. Vejamos, por exemplo, que é sobre esse referencial teórico que são construídos os tais de “dilemas morais”; as historinhas como o “bote salva-vidas”, que não te deixam saída a não ser concordar com a “eliminação do outro”, já que “não tem para todos”.

Sabemos que o processo de conhecimento, muitas vezes, é difícil, e causa certo desconforto (sofrimento) interior, desacomoda as velhas concepções até serem sobrepostas por outras, não se consegue fazer uma caminhada formativa, sem um tomar-se nas mãos e aprender a aguentar as dificuldades. Essa concepção se aproxima mais de uma visão Epicurista, “isto é, uma aplicação da moral em termos de busca da felicidade entendida como prazer, como satisfação de caráter sensível” (CORTINA; MARTINEZ, 2005, p. 61). Penso que não é por uma questão

de hedonismo somente, mas que esse reducionismo empirista de Locke, que sustenta todas as teorias pragmatistas, ignora a questão essencial do bem. Há certas ações que temos que fazer e que não causam nenhum prazer; podem até exigir muito empenho e dedicação sem promessa de recompensa, e que nem por isso são ações más. É o caso de cuidado com pessoas totalmente dependentes, como doentes em geral e pessoas com deficiência, especialmente os vegetativos.

Contrário senso, a proposta de Kant acentua o motivo da ação e considera moralmente boas as ações morais cuja motivação pode ser universalizada. E mais, independente dos possíveis efeitos das ações, que são externos e empíricos, o que confere valor moral às ações somente é o dever, jamais o interesse do indivíduo. No entanto, esse dever não pode ser heteronomamente imposto desde fora.

Enquanto ser racional, cada sujeito moral sabe se o motivo que o move pode ser universalizado, isto é, poderia ser motivo de ação para o ser humano em geral, sem ferir a dignidade, a autonomia do agente. Segundo Abbagnano (1998, p. 106) é a consciência que temos da necessidade do cumprimento do dever que nos constitui como pessoas morais. Para exemplificar pode-se citar um princípio universalizável como, 'em minhas ações devo proteger a vida, não promover a morte' e então olhar para as relações sociais concretas e perceber que é dever de cada cidadão proteger as crianças, cuidar delas, amparar os idosos e os doentes; e considerando a dignidade da pessoa, o educador deve proceder pedagogicamente de tal modo que faculte o desenvolvimento da autonomia das crianças e o senso de responsabilidade por si mesmo e pelos outros.

Essa questão do Bem é mesmo central para a conduta humana e até aqueles que nunca a colocaram como problema pressupõem uma determinada compreensão dele quando se referem à bondade ou à maldade das ações próprias ou alheias. Apenas como exemplo, lembro-me de personagens influentes na história, que não elaboraram uma teoria, mas que tiveram grande influência sobre a educação e que de certa forma continuam presentes na educação da sensibilidade moral de crianças e adolescente hoje. Refiro-me a Francisco de Assis, cuja mensagem de paz e bem e cujo amor às criaturas inspira movimentos pacifistas e ambientais até os nossos dias, mesmo numa sociedade secularizada.

Na compreensão dele, todo bem e toda paz vem do criador, autor da vida. Quando faz sua saudação de Paz e Bem quer trazer à memória das pessoas a origem de todas as coisas e, dado à origem comum de todas as criaturas, a

fraternidade universal. Por isso inicia seu “Bilhete a Frei Leão”, com o “louvor ao Deus altíssimo”, dizendo “vós sois o bem, todo o bem, sumo bem, Senhor Deus vivo e verdadeiro” (FONTES FRANCISCANAS, 2004, p. 106).

A Ética ajuda-nos, portanto, a perceber que há uma pluralidade de concepções de Bem e que, em meio a elas, talvez seja prudente acompanhar a atitude aristotélica da mediania. Certa equidistância dos extremos, que consiste na maior das virtudes, isto é, demanda muita força interior, que parece não ser inata, mas que se adquire pelo hábito, isto é, que se aprende vivendo e tirando as lições das ciências à custa da reflexão, que pode ser mais qualificada se conhecemos, ainda que parcialmente, a multiplicidade de teorias Éticas. Citando o Estagirita, “a virtude deve ter a qualidade de visar ao meio-termo. Falo da virtude moral, pois é ela que se relaciona com as paixões e ações, e nestas existe excesso, carência e um meio-termo” (ARISTÓTELES, 2003, p. 48); sem esquecer que, na interpretação de Sanchez Vazquez (2005, p. 273) “a Ética de Aristóteles está unida a sua filosofia política já que para ele [...] a comunidade social e política é o meio necessário da moral”.

Dissipando destas teorias que priorizam o Bem do agente moral ou mesmo da obrigação moral diante do outro, mas com base na razão do próprio agente, aparece contemporaneamente a teoria Ética da Alteridade, com Emmanuel Levinas, questionando radicalmente a tradição filosófica ocidental. Para Levinas a Ética não tem fundamento ontológico, tampouco o bem pode ser um ‘produto’ da razão.

O ético se funda no outro; a origem da Ética está na relação “face a face” com ou outro, por isso, para esse autor, a filosofia primeira não é a ontologia, mas a Ética. Ele busca esse princípio na fenomenologia, ou seja, aquilo que passa nos sentidos, o outro se apresenta através dos sentidos. Sujeito ético, segundo esse pensamento, é o sujeito que é responsável, que responde afirmativamente ao outro. O Eu se torna Ético ao responder, isto é, ao tornar-se responsável pelo outro, correspondendo às necessidades do outro. O outro é o fundamento da Ética, ou, o outro funda o ético.

A ética: comportamento em que outrem, que lhe é estranho e indiferente, que não pertence nem à ordem de seus interesses nem àquela de suas afeições, no entanto, lhe diz respeito. Sua alteridade lhe concerne. [...] Situando em uma relação ética, o outro homem permanece outro. Aqui, é precisamente a estranheza do outro, e se podemos dizer sua “estranheira”, que o liga a você eticamente (POIRIÉ, 2007, p. 84-85).

Ao contrário do que a maioria dos filósofos foi construindo ao longo do tempo, dizendo que o indivíduo está no centro (antropocentrismo), essa corrente de pensamento coloca o outro no centro das coisas (alteridade). Esse outro é todo aquele ser humano que é não-eu, que está fora do alcance dos domínios do eu e de sua razão e que interpela desde fora, clamando por solidariedade, hospitalidade, condição de convivência e acolhida; numa palavra, Justiça. Por isso a consciência Ética não é invenção do sujeito, ela é suscitada desde fora, a partir do chamamento do outro que demanda respeito, responsabilidade, Segundo Levinas,

Ser eu é, para além de toda a individualização que ser pode ter de um sistema de referência, possuir a identidade como conteúdo. O eu não é um ser que se mantém sempre o mesmo, mas o ser, cujo existir, consiste em identificar-se, em reencontrar a sua identidade através de tudo o que lhe acontece. É a identidade por excelência, a obra original da identificação (LÉVINAS, 2014, p. 22).

Por isso que o eu (ser), tendente a ser idêntico a si mesmo, precisa do outro para tornar-se ético e para fazer o bem; para responder solidariamente, ainda que o outro não tenha poder de exigí-lo. Aliás, o ético está para além do necessário. A exigência do outro não tem poder. Ela vem da indigência. Mas quando o eu escuta e atende ao apelo do outro ele permite a inversão da direção do apelo, acolhendo-o como a ‘voz que vem do alto’.

O desafio é não estar demasiado centrado no eu (professor), nem demasiado no outro (não eu/estudantes), mas na construção da relação entre os dois, aí especificamente se encontra a Ética, ela é de respeito ao diferente. Sob essa ótica a ética da alteridade seria uma boa proposta “É, pois a Ética o único modo de relacionamento possível e sem equívocos no drama da transcendência” (SUSIN, 1984, p. 247). Diante disso, cabe perguntar qual é a compreensão de Ética que seguimos para nosso trabalho, uma vez que são diversos os entendimentos sobre esse tema. Pesa a dificuldade da opção, ficamos com a definição de Adolfo Sánchez Vázquez em seu livro “Ética”. Ele tem muito pontos em comum com os outros autores sobre o essencial, principalmente ao defini-la como reflexão sobre a moral, filosofia moral, ciência da moral; literalmente, “a ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é ciência de uma forma específica de comportamento humano” (VÁSQUEZ, 2005, p. 23).

O autor lembra ainda que “A ética depara com uma experiência histórica – social no terreno da moral, ou seja, com uma série de práticas morais já em vigor e

partindo delas, procura determinara a essência da moral [...]” (VÁSQUEZ, 2005, p. 22), por isso mesmo ela não está dissociada da vida do ser humano e sua prática em sociedade, dentro de um tempo histórico determinado. Para esse autor, a Ética tem a função de ser reflexiva, propositiva, questionadora das práticas humanas, transita nas diferentes concepções de sociedade e de mundo, extraíndo o que é essencial para o bem viver.

Essa forma de ver a Ética parece-nos que vem ao encontro da metodologia, já indicada anteriormente. O caminho proposto pela hermenêutica filosófica de Gadamer e o entendimento de Ética proposto por Vásquez no dará segurança para entender qual a importância da Ética na formação de professores. Nos itens que seguem, indicaremos três aspectos, que, a nosso ver, são essenciais e contribuem para que a Ética seja considerada no processo formativo acadêmico. Seja por que contribui com o próprio processo de conhecimento e da vida, seja por estamos vivendo um tempo de mudança epistemológica ou por ela favorecer a uma tomada de consciência em relação à urgência das questões ecológicas.

5.3 IMPORTÂNCIA DA ÉTICA NA FORMAÇÃO E NA PRÁTICA DOCENTES

Conforme podemos perceber no item anterior, a diversidade de entendimentos sobre o que seja Ética e/ou Moral, e, geral confundindo-a com a moral ou com comportamento nas relações efetivas do cotidiano, nas relações de trabalho e também no exercício de uma profissão liberal. Apesar desta imprecisão conceitual, pode-se partir da sugestão de Freire (1996, p. 16) quando diz que “o preparo científica do professor ou da professora deve coincidir com a sua retidão Ética”, o que, obviamente não se pode supor como algo inato em educadores/as e que, portanto, precisa de uma atenção explícita. Ainda que a moral seja algo da consciência subjetiva, a reflexão sobre ela, a Ética, pode jogar a questão para o âmbito da razão dialógica, com certo grau de objetividade e provocar processos participativos de mudança quanto aos procedimentos pedagógicos e os princípios que os pautam.

Por outro lado, embora a Ética deontológica tenha seu valor crítico, especialmente por colocar a dignidade da pessoa e de sua autonomia como o elemento central da Ética, seria por demais formalista supor que se pode orientar a práxis segundo os ditames dos ‘deveres’ do ‘ser docente’, como que se isso fosse

passível de definição prévia, apriorística. A Ética não tem essa finalidade de definir o que se deve fazer em cada situação concreta, mas de refletir sobre o que se faz e de perguntar pelos pressupostos ou os princípios que legitimam este fazer na diversidade de tempos, culturais e morais.

Quando nos perguntamos pela importância da Ética no processo formativo, também não é a certas formas empresariais, de condutas e comportamentos esperados dos ‘colaboradores’, porque, conforme acenamos acima, a Ética não tem a tarefa de ser normativa ou reguladora das ações humanas, sua tarefa é bem mais abrangente, quer ser reflexiva, balizadora para referendar as ações humanas.

Na Pedagogia da Autonomia, Freire (1996, p. 15) lembra que a rigorosidade Ética é importante para o fazer do professor, enquanto responsabilidade de refletir e de agir. Ele fala de uma Ética Universal que se faz inseparável da “prática educativa” e também da formação científica de docentes. Uma prática que é capaz de extrapolar os limites impostos por aqueles que dominam pelo poder econômico; universal:

[...] que condena o cinismo do discurso [...] que condena a exploração da força de trabalho do ser humano [...] a que se sabe traída e negada nos comportamentos grosseiramente imorais como na perversão hipócrita da pureza em *puritanismo*. A ética [...] que se sabe afrontada na manifestação discriminatória de raça, de gênero, de classe [...] (FREIRE, 1996, p. 16).

Continuando com Freire, ele enfatiza a sociabilidade do ser humano, a intersubjetividade, de sorte que não vivemos sozinhos e isolados uns dos outros. Enquanto humanidade ou comunidade planetária cabe-nos pensar as coisas como participantes, como diretamente envolvidos; nosso fazer e nosso ser é participação e daí exige um compromisso para a formação de educadores e para a educação como um todo. É verdade que de certa forma esse ideal é meio utópico, pois envolve indivíduos concretos, particularizados que possuem um querer individual, e por que não dizer individualista.

Só por serem professores e professoras eles não estão imunes da influência da mentalidade vigente e não estejam sendo nutridos pelas ambições da prepotência, da auto suficiência, e das vaidades do saber. Aliás, também diante dessa utilização do saber para se colocar numa situação superior aos outros, a Ética enquanto postura crítica pode ser questionadora. E sabendo que a teoria não se assimila por osmose, mais uma vez se acentua a importância e a necessidade de

marcar tempos e lugares curriculares para o estudo da Ética, a fim de propor elementos para pensar melhor e jogar luzes na prática, ainda que se concorde que uma disciplina sobre essa temática por si só não resolve essas questões.

Freire (1996, p. 17) se diz “absolutamente convencido da natureza Ética da prática educativa, enquanto prática especificamente humana” e insiste que é nessa prática que as subjetividades de educadores se mostram claramente, pode-se acrescentar que nesta prática se expressa, no sentido forte desta palavra, a compreensão de mundo e as convicções pessoais que perpassa a trajetória educacional, ainda que a maioria dos educadores não tomem consciência disso. Mais uma vez se mostra a contribuição da Ética para propiciar condições de conhecer pressupostos da prática, para dar certa bagagem teórica e desenvolver atitude reflexiva para agir de tal maneira, caso contrário, até para impedir que nas relações pedagógicas se reproduza simplesmente a lógica mercadológica, que coisifica o saber e as próprias pessoas a sua volta, no caso os estudantes.

Aqui o acento parece recair sobre a prática educativa, mas por causa disso continua a insistência na formação docente que propicie uma as condições para que na nesta prática se saiba o que se está pretendendo efetivar e que se possa auxiliar educandos a desenvolver uma visão de mundo mais ampla daquela que trazem do perímetro de sua casa e para habilitá-los a perceber e a posicionar-se diante das influências positivas e negativas do meio em que vão se constituindo como pessoas. É neste sentido, de responsabilidade pela constituição das subjetividades, que a educação tem, de modo permanente, estofo ético. Evitando possíveis mal-entendidos de natureza inatista, Freire fala da Ética universal, como marca da natureza humana, isto é, como algo sem o qual não se pode sequer imaginar a vida humana. Citando literalmente:

Quando falo da ética universal do ser humano estou falando da ética enquanto marca da natureza humana, enquanto algo absolutamente indispensável à convivência humana [...]. Na verdade, falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo da sua vocação ontológica para ser mais, [...] Quero dizer, mais que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma presença no mundo, com o mundo e com os outros (FREIRE, 1996, p. 18).

Com isso Freire aponta para a abrangência da temática e da incidência dela sobre a tomada de consciência de nosso ser com os outros no mundo e das responsabilidades decorrentes desta condição humana, das quais trataremos

suscintamente no capítulo final da dissertação como cuidado de si, cuidado do outro e cuidado do mundo. Por isso que a proposta de formação inicial e permanente, inspirada em Freire, exige a presença da discussão sobre a Ética e de suas contribuições para a consciência de cada sujeito e da coletividade.

É pertinente perceber que há uma distinção, ao menos metodológica, entre aquilo que o professor, enquanto pessoa e ser neste mundo sente e experimenta, e a experiência de coletividade feita na caminhada do desenvolvimento profissional. Por mais desafiador que a aproximação seja, é difícil essa meta, pois existem muitos elementos antropológicos e pessoais a serem levados em conta. Dito de outra forma, a experiência da vida coletiva não exaure as possibilidades e demandas subjetivas das pessoas, suas peculiaridades psicológicas, suas necessidades afetivo-emotivas e seus sonhos de viver que ultrapassam tanto a formação acadêmica quanto a atuação profissional. Mas isso não implica na impossibilidade de se propiciar as condições para uma atitude reflexiva diante de sua experiência pessoa e de desenvolver consciência crítica e comprometimento com um modo coletivo e participativo de estar no mundo e com os outros.

Claro, desde que se tenha os elementos teóricos e a atitude metodológica necessárias, e aí entra a Ética, bem como a capacidade de distanciar-se hipoteticamente das próprias vivências, de objetivá-las e admirá-las com calma e com cuidado, para com elas aprender e, na acepção aristotélica, tornar-se mais experiente, com mais sabedoria prática, tanto para si mesmo quanto para a sua prática de docência, e assim poder contribuir ainda mais para se humanizar, no mesmo processo de humanização do mundo e das relações interpessoais.

Para indicarmos algumas pistas para oportunizar tais condições de reflexividade crítica e de aprendizagem permanente ou de contínua autotransformação pessoal e profissional, numa sociedade dinâmica e em constantes mudanças, passaremos agora a apresentar algumas contribuições de teorias contemporâneas de Ética, que nos parecem importantes para a formação inicial e continuada de docentes e para a atuação profissional em educação infantil e séries iniciais, ou mesmo a educação de adolescentes e jovens, para além das exigências já estabelecidas em lei para a formação de professores em geral – como, por exemplo, a Resolução N. 2, de primeiro de julho de 2015, especificamente no artigo 12, alíneas 'b', 'i' e 'j', que se referem às questões como: direitos humanos, justiça social, diversidade étnico racial, gênero, cidadania, educação ambiental, etc.

Apresentaremos propostas de alguns teóricos que podem ser referencias inclusive para tratar destes temas propostos pela legislação, com mais propriedade e maior rigor acadêmico.

6 CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS: REFERENCIAIS DE ÉTICA PARA A EDUCAÇÃO MORAL

A capacidade de promover a vida, de realizar ações moralmente boas, tanto quanto o seu contrário, está aí para cada pessoa. Conforme já enfatizou Kant em seu texto sobre Pedagogia, tudo depende da Educação, mais especificamente, da Educação Moral que cada criança e cada adolescente recebe e acolhe.

Educar para uma sensibilidade moral solidária e de compaixão diante do sofrimento do outro, de indignação diante da injustiça, ou a indiferença diante disso, é uma questão de educação, isto é, de formação da subjetividade. Isso é assim porque, por tendência espontânea e por influência da mentalidade vigente na sociedade capitalista e de mercado, estamos muito mais dispostos a fazer as coisas somente em nosso próprio benefício, sem nos importar com os outros; a mentalidade vigente induz a fazer tudo movido pelo egoísmo individualista. Se, por um lado, facilmente deparamos com pessoas (educadores) que se deixam motivar fortemente por um filme, uma poesia ou música, por uma imagem da natureza ou um animal em apuros, deparamos, ao mesmo tempo, com as mesmas pessoas com sem reação diante do sofrimento alheio e sem compaixão diante do outro injustiçado. Segundo Morin (2013, p. 354)

O ser humano é caracterizado por um duplo *software*: um induz ao egocentrismo, a sacrificar o outro por si, o outro induz ao sacrifício de si pelos outros, ao altruísmo, à amizade e ao amor. Nossa civilização tende a favorecer o *software egocêntrico*. Sem dúvida, o *software* altruísta e solidário encontra-se presente por toda a parte, mas quase sempre inibido e adormecido.

Ainda segundo o mesmo autor, é através da Ética que podemos “despertar” essa forma de nos relacionar de maneira individual, em sociedade ou universalmente como humanidade. Despertando para a vida ameaçada e não vivida de maneira plena e inteira. Talvez a chave esteja justamente na questão de que a Ética impulse para um aprender a viver e ser. Principalmente em uma sociedade marcada por rupturas e fragmentação do conhecimento. Uma busca havida pelo conhecimento torna o próprio ser humano invisível.

6.1 ENRIQUE DUSSEL: POR UMA ÉTICA DA LIBERTAÇÃO

A contribuição do filósofo argentino, radicado no México, desde o seu exílio, na ditadura militar em 1975, pode situar a Ética, ou a discussão sobre a moral, no chão da vida cotidiana das pessoas concretas dos excluídos da história oficial em nosso continente; dos que são invisíveis aos olhos da Economia e da Política do sistema vigente.

Quando o Outro é Povo, concretamente adjetivado com as categorias que designam os socialmente excluídos (as mulheres, as crianças, os jovens, os migrantes, os índios, os negros), o outro antropológico de Levinas recebe carnalidade sócio histórico e situacional latino americana na Ética da Libertação.

É notório que, nas últimas décadas, se desenvolveu a sensibilidade moral para com situações concretas como as de gênero, etnia, infância em situação de vulnerabilidade e de violência, inclusão de portadores de necessidade e de minorias de todo tipo e que de certa forma isso já é contemplado nos currículos por forma de legislação.

Mas aqui apelamos para Dussel como que indicando a origem de uma forma de filosofar socialmente comprometida com o que, a partir de Totalidade e Infinito de Emmanuel Levinas, passamos a denominar de Alteridade e que para este autor pode ser exemplificado com as categorias vétero-testamentárias das pessoas concretas que, em relação ao status quo, são aquelas que ‘não tem’, não sabem’, não podem’, portanto, não são por si mesmas: o órfão, a viúva, o estrangeiro; numa palavra, ‘o pobre.

É diante deste Outro, que interpela desde a sua indignância, que surge a possibilidade do Ético, quando o Eu (indivíduo, grupo, organização) corresponder às suas demandas. Em Dussel este Outro é ‘povo’, que desde sua exterioridade (enquanto excluído) interpela o sistema, sem deixar de ser cada pessoa do povo, com seu rosto e sua história, a interpelar o Eu (que tem, sabe, pode, é) a responder solidariamente. Essa breve consideração serve apenas para indicar que a dedicação a uma causa específica, como a de gênero, por exemplo, pode encontrar em Dussel uma referência para além do “reconhecimento da dignidade” da pessoa, que ainda é, sempre, dependente do juízo do “Eu”.

Embora Dussel se ocupe das diversas subáreas da filosofia, a partir da condição de ser latino americano, sua contribuição fundamental e que perpassa todas as outras é a Ética da Libertação, diante das situações que nos cabe viver

nesta condição. Para ele o grande desafio, que se constitui em horizonte a ser buscado, é o desenvolver um pensar autônomo, que de fato reflita sobre a nossa realidade e em vista das pessoas concretas para as quais deveria estar voltada a formação de professores.

Nessa formulação teórica, o fato de partir da realidade concreta dos povos latino americanos, a Ética se faz desde o Outro, distinto do Eu, e se mostra capaz de questionar a própria consciência moral do Eu, tanto quanto a moral vigente no sistema, caracteristicamente repressora, distorcida e de negação do Outro.

Dussel propõe uma metodologia que se coloca a serviço, e a denomina de método analético, para diferenciar assim do método dialético proposto pelos pensadores europeus, como Kant, Fichte, Schelling, Hegel, e mesmo Nietzsche e Sartre, para citar uma diversidade de formas do uso dialético da razão, mas que é sempre um movimento circular do Eu que pensa e, como que sai de si para passar pelo 'mundo' e retornar a si com mais riqueza e poder.

Segundo o autor, a dialética está demasiado centrada no si mesmo enquanto que a analética é um pôr-se a servir, criativo e disponível, àqueles que estão e são oprimidos pelo modelo sócio econômico da totalidade constituída. O Outro se afirma desde fora do sistema e dos domínios do Eu e aí entra a necessidade de um momento para além da dialética que Dussel anuncia como aquele “que se funda na anterioridade da exterioridade sobre a totalidade, até afirmar a prioridade do Outro como origem criadora”, e insiste que isso é imprescindível para a libertação da mulher e do homem na “erótica” do povo na “política”, da criança na “pedagógica”, etc. (DUSSEL, 1982).

Nessa perspectiva, o “outro” é aceito como o que se sobrepõe ao Eu individual, dando origem a um processo que começa pela “libertação da miséria humana dos excluídos” no contexto latino americano (DUSSEL, 1977b, p. 201). “É um compromisso moral” e “eticamente justo”, para aqueles e aquelas que optam por pensar neste contexto e assumir o desafio de se engajar na luta nas diversas frentes da libertação. É um comprometimento ético pessoal e intransferível para com a realidade de pessoas concretas e que possuem um rosto específico.

A libertação é a condição do mestre para ser mestre. [...] O que lhe permite libertar-se da Totalidade para ser ele mesmo é a palavra analética ou magistral do discípulo (seu filho, seu povo, seus alunos: o pobre) [...] mostra-lhe qual deve ser seu compromisso pela libertação prática do outro (DUSSEL, 1977b, p. 213-14).

A proposta de Dussel é de pensar uma Ética que seja voltada para o outro e desde o outro, não no sentido de perder a própria identidade, mas de pôr-se a serviço desse rosto que nos interpela e denuncia a nossa própria identidade no face-a-face.

O projeto dusseliano visa a propor uma filosofia Latino-Americana que, embora ainda seja um diálogo com a tradição, entra neste diálogo a partir da situação concreta das pessoas pobres, das relações sociais produtoras da pobreza e da exclusão, como referência histórica e crítica para um novo pensar, para uma nova moralidade. Um pensar que se constrói a partir das formas concretas de relações sociais: a erótica (nas suas diversas formas); a pedagógica, entre pais e filhos, docentes e discentes, instituições escolares e estudantado; a econômica e todas as suas implicações desde o sobreviver ao bem viver; a política, ombro-a-ombro de concidadãos; e a arqueológica ou antifetichista, dos seres humanos com o sagrado. Essas cinco formas de relação social contribuem, cada qual em com sua peculiaridade, para um novo pensar, que parte da situação de periférica existencial, econômica e até mesmo geográfica.

É a proposição de uma Ética que se estriba sobre a dimensões específicas da vida do ser humano na realidade concreta da Latino Americana, mas que bem poderia ser qualquer outra região do planeta na mesma situação, especificamente o lado “sul” do “mundo”, “terceiro mundo”. Essa opção é particularmente interessante porque colocam no centro de nosso olhar os pobres, os excluídos, os que são inteiramente desassistidos, os indígenas que são os povos nativos de nosso continente, os negros que produziram a riqueza para os colonizadores, as mulheres até hoje infernizadas pelo machismo, os que são invisíveis ao sistema capitalista neoliberal.

Dizendo de outra forma, é a grande maioria empobrecida, que na linguagem coloquial, é designado como “minorias”. Equívoco linguístico do qual é preciso dar-se conta, especialmente para aqueles agentes que se dedicam ao processo de formação de professores, de crianças, de adolescentes em nossos países e o pensar que parte do “pobre” desperta para essa nova consciência, abre os olhos para que se note a presença dos invisíveis, que são a grande maioria, ainda que os meios de comunicação induzam a chama-los de minoria. Minoria é a elite que é responsável pela exploração da vida e a usurpação da dignidade dos seres humanos excluídos.

Mesmo que a linguagem revele as intenções das afirmações seria oportuno refletir mais aprofundadamente sobre essa proposta de Dussel, mas por uma questão metodológica, iremos nos deter especificamente sobre a dimensão pedagógica, uma vez que ela está diretamente ligada ao nosso tema da Ética, pode nos ajudar a pensar o processo geral da mudança e seus desdobramentos específicos na Formação de docentes, a partir do 'Outro' Não que as outras dimensões, acima indicadas, não sejam importantes, mas abordá-la uma a uma seria conteúdo para outra dissertação. Com isso não estamos supondo que Erótica, Pedagógica, Econômica, Política e Arqueológica não estejam sempre inter-relacionadas. É apenas uma opção de circunstância, de delimitação, focar a dimensão pedagógica.

A Pedagógica se refere ao outro pedagógico, aquele que ainda precisa ser conduzido (nos remetemos à origem etimológica da palavra), mas cujo rosto e cuja identidade lhe são próprias; o Outro é alguém que faz diferentes experiências, tem um jeito próprio de pensar e interagir. Acima de tudo, outro que vai se perfazendo durante a vida, ao passo que vai percorrendo o processo formativo, lado-a-lado com seus educadores (pais, avós, professores) iniciado no núcleo familiar até chegar ao processo formativo acadêmico, mais teórico e sistemático.

É um processo que se dá a partir do “mesmo e do distinto”, do eu e do outro, uma troca de saberes que o discípulo e o mestre trazem para a roda de conversa e no fim das contas os dois voltam renovados, pois se perfizeram no processo de mutuo conhecimento.

Enquanto dis-tinto, o discípulo tem um novo projeto histórico de ser [...]. O mestre não pode simplesmente depositar um certo número de conhecimentos já adquiridos [...], mas deve transmitir o já adquirido a partir da situação existencial do discípulo e de maneira tal que sua revelação criadora chegue a confundir-se com a própria invenção problematizadora do educando (DUSSEL, 1977a, p. 133).

O educando é um ser humano concreto, com seu próprio tempo, seu presente e o seu projeto, e como tal é que ele precisa ser considerado na relação pedagógica; uma pessoa em formação, de corporeidade própria a ser respeitada no processo formativo.

Ressalto essa contribuição de Dussel, o da concretude corporal do Outro, como forma de fazer frente à dimensão meramente cognitiva meramente intelectual, acentuada na educação tradicional, em detrimento do psiquismo, por exemplo. Claro

que não existe cognição sem corporeidade, por isso sempre é bom lembrar que é enquanto corpo-próprio que nos relacionamos como o mundo e com as outras pessoas. Se a Ética se ocupa com a moral é por esta fazer parte de nosso dia a dia cuidando e mediando a relação que estabelecemos conosco e com a corporeidade dos outros, e de todos os outros.

E assim, no contexto dessa reflexão, emerge mais uma contribuição da Ética para o processo formativo: a dimensão do cuidado. O cuidado comprometido com a corporeidade do daqueles que são diferentes e pensam diferente, e que ultrapassa a dimensão física e se alonga até os espaços que são lugares de cuidado: o lar, a escolinha, a escola, e até a universidade. É neste sentido que Dussel afirma que

nestes modelos pedagógicos para a libertação latino-americana deve surgir uma redefinição de universidade, onde a docência, ciência e tecnologia devem assumir um claro sentido crítico, a fim de conservar e transmitir, cultura, ensinar, formar e capacitar profissionais e técnicos, investigar e projetar-se como os grandes objetivos nacionais ao serviço do povo na etapa da libertação (DUSSEL, 1977c, p. 230).

A maneira diferenciada de pensar a formação proposto pela visão latino americana, transcende a dimensão individual e uma prática individualista, ela acaba por propor uma mudança inclusive na maneira de a própria Universidade se organizar e de conduzir a formação, tornando esse lugar um lugar mais humanizado, que não seja apenas de adquirir saberes segmentados e avulsos, mas que seja verdadeiramente um espaço de (trans)formação da própria cultura no sentido lato da palavra. Até o ponto desses ambientes se tornarem um espaço de formar pessoas ocupadas com o cuidado de si e dos outros; cuidado para com todos os implicados no processo formativo, desde a perspectiva do Outro: **eis o Ético na contribuição de Dussel.**

6.2 A ÉTICA NO SABER E NO VIVER – CONTRIBUIÇÕES DE EDGAR MORIN

Para falar de Edgar Morin e Ética é sempre oportuno lembrar que este autor propôs a teoria da complexidade, cuja tese central é a de que todas as coisas estão de certa forma interligada e incidindo umas sobre as outras. Numa clara contraposição à posição cartesiana da fragmentação do mundo e da elaboração de conhecimentos separados e classificados de acordo com a visão mecanicista, na qual todas as pecinhas podem ser estudadas separadamente e isolada do todo,

como em geral se procede nas ciências da natureza, quando se ‘confina’ um objeto no laboratório.

Esse intelectual, (Honoris Causa de várias universidades brasileiras), apresenta-nos uma visão geral de mundo e de conhecimento que poderíamos denomina de sistêmica, no sentido da complexidade dos sistemas biológicos ou dos ecossistemas, sempre frágeis e em constante movimento de desequilíbrio e reequilíbrio, na teia geral de inter-relações entre todos os seus ‘partícipes’. Dentro desta perspectiva também os saberes não podem mais ser simplesmente considerados separadamente como se uma área do conhecimento não tivesse relação com as outras e como se houvesse, inclusive, a possibilidade de neutralidade moral na elaboração de conhecimentos ou nas ciências da natureza, por exemplo.

Quase que enunciando um subtítulo, podemos resumir o que segue com a expressão: **conhecer não é atividade amoral ou moralmente neutra**. Enquanto essencial à vida, todo conhecimento tem estofo moral e precisa orientar-se pela Ética. Se o conhecimento se volta para a vida, também e principalmente o conhecimento da natureza, as ciências naturais, que servem de suporte para a técnica, mediante a qual os seres humanos transformam a natureza, humanizam-na, instauram o mundo cultural, que por sua vez é a mediação de Formação humana, então o conhecimento a diretamente a ver com Ética, assim como todo e qualquer tipo de trabalho.

Embora o conhecimento científico elimine de si mesmo toda a competência ética, a práxis do pesquisador suscita ou implica uma ética própria. Não se trata unicamente de uma moral exterior que a instituição impõe a seus empregados; trata-se de mais do que consciência profissional inerente a toda profissionalização; de ética própria do conhecimento, que anima todo pesquisado que não se considera um simples funcionário. É o imperativo: conhecer para conhecer, que deve triunfar, para o conhecimento, sobre todas as proibições, tabus, que o limitam [...]. A ética do conhecer tende, no pesquisador sério, a ganhar prioridade, a opor-se a qualquer outro valor, e esse conhecimento “desinteressado” desinteressa-se de todos os interesses político-econômicos que utilizam, de fato esses conhecimentos (MORIN, 2005, p. 120-121).

Na discussão que Morin faz sobre “o que é ciência” e a necessidade de uma ciência que tenha consciência de sua tarefa, reforça a ideia de que o conhecimento precisa ser formulado, por quem o faz com uma Ética própria mais do que uma regra imposta de fora como norma de conduta imposta a um trabalhador descomprometido. Isso vale igualmente para a atividade docente, formativa, na qual

as professoras e os professores acolhem os estudantes oriundos das mais diferentes realidades e, além de introduzir no mundo acadêmico, no mundo do conhecimento científico, lançando as bases para a vida acadêmica.

A imersão no processo formativo, acadêmico e científico¹⁵ faz com que aqueles que se põem a essa tarefa olhem o mundo e a sua própria vida desde outro ponto de vista, que é supostamente guiado por mais elementos ou conteúdos científicos, mais reflexivo. Mas o **que não é levado em conta** é que os estudantes que saem do Ensino Médio para o Superior, embora se marque essa diferença em termos de legislação, são os mesmos e estão profundamente marcados por uma visão fragmentada do conhecimento. Ademais, a distinção entre o Médio e o Superior não tem legitimação antropológica, psicológica ou cronológica, uma vez que do término das aulas do Médio ao início das aulas em uma Graduação passam-se apenas alguns dias, dependendo do semestre de conclusão de um e de ingresso no outro. E não é o acesso à Universidade que, magicamente, vai modificar as pessoas, sua maneira de relacionar-se com os outros, com o mundo, com o conhecimento. O que pode levar à mudança são as experiências, as formas de lidar com o conhecimento, e especialmente, o desenvolvimento da capacidade de refletir sobre esse processo.

Estando no espaço acadêmico de Educação Superior, além de mudanças que vão acontecendo ao longo do processo, há o desafio de interagir com normatizações do curso e com os próprios colegas que estão buscando a mesma formação. A relação com o outro é sempre desafiadora e desacomodante. Sob essa ótica, não raro as relações são pautadas pelas divergências, mais que pelo ideal formativo virtuoso.

Somos convidados a escolher o que tiver maior valor, não um valor econômico financeiro, mas um valor como princípio orientador da vida e de conduta. Queremos nos referir à liberdade, ao respeito, à solidariedade, à partilha, à amizade, à dignidade, à honestidade, à responsabilidade. Nesses verbos fica evidente a essencialidade de desenvolver a sensibilidade reflexiva sobre esses temas, associada ao conhecimento teórico pedagógico.

¹⁵ MORIN, em sua obra “Ciência com Consciência”, aborda a discussão sobre o que é afinal ciência. Afirma ele: “A última descoberta da epistemologia anglo-saxônica afirma ser científico aquilo que é reconhecido como tal pela maioria dos cientistas. Isso quer dizer que não existe nenhum método objetivo para considerar **ciência objeto de ciência**, e o cientista sujeito”.

No capítulo que indicamos a definição de Ética, apontamos a Ética como sendo “ciência do comportamento” definição essa, proposta por Vázquez. É próprio das ciências construir e divulgar conhecimentos para que a humanidade toda, de modo especial os universitários, tenham acesso a um conhecimento ajustado por um processo criterioso de pesquisa e aceito por pessoas conhecedoras da área, isto é, pela comunidade científica de cada área. A ciência não se contenta com o senso comum, ainda que este, não deve ser desperdiçado como nos lembra de Boaventura de Souza Santos. A ciência pode ser feita de muitas maneiras, sobre uma infinidade de objetos e com diversas formas de procedimentos metodológicos, mas a finalidade sempre deveria ser o bem-estar humano, ou mesmo da vida em geral.

O conhecimento deveria estar à serviço deste ideal, por isso tem a ver com Ética. Tanto as formas de abordagem quanto os resultados e as suas aplicações tem essa finalidade. Por isso que, na convicção deste autor, a Ética deveria estar sempre presente; o que nos remete de volta à questão de que, mesmo como disciplina acadêmica, que ajuda a formar profissionais dispostos a pensar sobre as implicações sociais de seu fazer e a refletir sobre sua própria existência, ela é fundamental.

Mas não como detentora de verdades; como disposição para a reflexão crítica e o diálogo, isto é, a Ética pode contribuir para que se possa fazer reflexão e principalmente autorreflexão. Podemos dizer que é fácil refletir sobre conteúdos e teorias propostas pela academia, mas quando esses conteúdos desenvolvidos provocam a autorreflexão, aí sim o teórico está fazendo efeito concreto no processo formativo, mudando a vida da pessoa. Autorreflexão envolve sempre e de novo, repassar aquilo que se faz e se pretende, é admitir que nem sempre as coisas saem como realmente planejamos, ou ainda, que nem planejamos nossa ação. Proporciona um olhar para si mesmo, não um olhar passivo e autocontemplativo egoísta, mas um olhar que tem o desejo de mudança, aperfeiçoamento, evolução, de se misturar com outros horizontes. Neste sentido ela pode motivar processos contínuos de autotransformação.

Quando Edgar Morin propõe que se retome o conhecimento em sua totalidade e se fale de Ciências da Terra e da Vida, ele parte da Ética para a essencial moralidade do conhecimento, recolocando a questão do sentido da Vida e da existência, do valor da vida diante de situações concretas em que se assiste à espetacularização da barbárie na violência diária, nos conflitos das grandes cidades,

nas guerras cinicamente planejadas como formas de ajuste da economia mundial... É preciso de Ética para que o senso de pertença a humanidade e de humanização não sucumba ao sentimento de descolamento e de indiferença e diante da dor alheia, como se percebe, por exemplo, na situação dos(a) milhares de migrantes que perdem a vida nos oceanos tentando uma vida melhor alhures.

Enquanto leva à reflexão e a autocrítica, a Ética é emancipadora e nada mais caro à educação e ao processo formativo do que pessoas emancipadas. Não que sem o estudo da Ética não o sejam, mas com ela serão mais, terão outras ferramentas a serem usadas em sua prática docente.

6.3 A ÉTICA COMO REFERÊNCIA NA MUDANÇA EPISTÊMICA

Ainda que brevemente, a conversa agora é com Boaventura de Souza Santos, especificamente com ideias de seu livro “Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência”¹⁶, em que define a atualidade como um tempo de “mudanças de paradigmas”, em relação aos modelos propostos pela modernidade. Além dos paradigmas, a transição também se apresenta no âmbito “epistemológico”. Essa transição afeta diferentes campos da sociedade, ou seja, é uma mudança social. Em um tempo onde há tantas coisas a serem criticadas, segundo o autor, fica até difícil construir uma “teoria crítica”¹⁷.

Diante das mudanças tão profundas, rápidas e abrangentes, é preciso ter um ponto de referência, para não sucumbir á obsolescência e descartes. Talvez a Ética, como referência humanizadora, possa servir de guia e lugar de menos turbulência em meio às mudanças, marcadas por rupturas e falência de modelos até então idealizados pela modernidade, em conformidade com a sociedade capitalista, coetânea a ela. Esta que, em suas promessas, se desafia a formular uma proposta de Ética às avessas. Não se trata de uma Ética qualquer, nem de um lugar seguro

¹⁶ Essa obra é a primeira de um montante de quatro volumes, o segundo volume é intitulado “O Direito a rua: ordem e desordem nas sociedades subalternas”; o terceiro, “Os trabalhos de Atlas: Regulação e emancipação na Redopolis”, e a quarta, “O milênio Órfão: Para um futuro da cultura política”.

¹⁷ O referido autor expõe as dificuldades de construir uma teoria crítica que dê conta de um “Conhecimento-emancipação” ou que forme pessoas com capacidade de olhar a sociedade de maneira crítica. O autor tem o seguinte entendimento: “Por teoria crítica entendo toda a teoria que não reduza a “realidade” ao que existe. A realidade qualquer que seja o modo como é concebida é concebida pela teoria crítica como um campo de possibilidades e a tarefa da teoria consiste precisamente em definir e avaliar a natureza e o âmbito das alternativas ao que está empiricamente dado) (SANTOS, 2011, p. 23).

ou refugio que possa nos manter ao abrigo das mudanças, mas diante das promessas das teorias morais modernas, que a Ahlert (1999, p.102) denominou.

[...] a ética da modernidade é uma moral burguesa e brutalmente individualista. Ela elimina do pensamento e das relações humanas qualquer resquícios de uma ética comunitária na qual um ser humano é responsável pelo outro e pelo seu meio ambiente. Centrada no sujeito ela exige de qualquer julgamento uma sociedade ou estrutura política e econômica fundada na exploração do ser humano pelo ser humano.

Além de individualista e antropocêntrica, a modernidade fez promessa de paz, de liberdade, de vida feliz, de prosperidade, de segurança. Mas o custo que a maioria pagou foi muito alto e nada disso se realizou pelo contrário, ela trouxe mais insegurança, miséria, sofrimento e guerras.

Essas mesmas promessas não efetivadas se transformaram em problemas, de modo particular, quando tangenciamos o conhecimento e a formulação de novas teorias que explicam os atuais fenômenos, pois em meio à confiança na possibilidade da verdade através do procedimento metodológico rigoroso, fez com que se ignorasse a historicidade e a temporalidade do conhecimento. A esse procedimento científico e acadêmico Boaventura chama de profissionalização do conhecimento, que ele considera.

[...] indispensável mas apenas na medida em que torna possível eficaz e acessível a aplicação partilhada e desprofissionalizada do conhecimento. Esta corresponsabilização contém na sua base um compromisso ético. Neste domínio vivemos hoje uma sociedade paradoxal. A formação discursiva dos valores é tanto mais necessária quanto mais as práticas sociais dominantes tornam impossível a realização desses valores. Vivemos numa sociedade dominada por aquilo que São Tomás de Aquino designa por *habitus principiorum*, o hábito de proclamar princípios para não ter de viver segundo eles (BOAVENTURA, 2011, p. 32).

Num primeiro momento parece soar meio estranho a ideia de “desprofissionalização do conhecimento”, uma vez que, no meio acadêmico, sempre se segue aquilo que é científico¹⁸, e que esteja dentro do âmbito profissional, se assim podemos dizer.

Esse caminho se faz justamente para tornar o conhecimento acessível, não apenas para alguns poucos que conseguem se enquadrar dentro de moldes pré-estabelecidos, ou que tem acesso aos meios elitizados de difusão, mas que ele seja

¹⁸ Quando nos referimos a “científico”, estamos querendo fazer menção àquilo que se submete ao crivo de uma rigorosidade da razão, que se opõe ao senso comum, ou é adquirido pela prática cotidiana.

aplicável e compreendido pelos diferentes atores sociais envolvidos, pois são esses que, em última análise, atuam e transformam a sociedade como um todo. Se estamos vivendo uma crise Ética crônica em diferentes segmentos da sociedade, de modo particular nos modelos institucionais históricos, isso se deve a esse conhecimento apenas profissional racionalizado, que nem um momento passou pela corporeidade e a experiência, e foi se materializar.

Apesar de Boaventura estar refletindo sobre o campo das ciências sociais, a questão, por ele posta, é de interesse da área da educação e da formação dos futuros profissionais dessa área. Ele procura formular uma “crítica à modernidade” e seu modelo inverossímil de ler a realidade e propor condutas aos que nela acreditam. A “ruptura” epistemológica, segundo ele, é outra característica desse tempo, tudo aquilo que, até então, era referência, seja no âmbito familiar, seja no âmbito escolar ou acadêmico, parece não servir mais. “Esse modelo racionalista, também chamado de conhecimento “moderno” (2011, p. 60), procura refutar aquilo que parte da experiência do “senso comum e das ciências humanas”. Para esse modelo vale somente o que é quantificável e mensurável, todo o mais parece não ser importante. Quando na verdade é justamente o contrário, aquilo que não pode ser mensurado é o que é essencial à vida e à existência do ser humano, por exemplo, não tem como mensurar quanto uma pessoa age de maneira correta ou solidária; quanto ama o próximo, etc.

Justamente essa forma de racionalidade radical e dura tem estado em crise e se mostrado ineficaz, para além disso, ainda inverte o real sentido do conhecimento e da forma de compreender as coisas.

O paradigma da modernidade comporta duas formas principais de conhecimento: o conhecimento–emancipação e o conhecimento–regulação. O conhecimento–regulação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo por colonialismo e um estado de saber que designo por solidariedade. O conhecimento–regulação é uma trajetória entre um estado de ignorância que designo de caos e um estado de saber que designo por ordem. [...] o conhecimento–regulação conquistou a primazia sobre o conhecimento–emancipação: a ordem transformou-se na forma hegemônica de saber e o caos na forma hegemônica de ignorância. Este desequilíbrio em favor do conhecimento–regulação permitiu a esse último recodificar nos seus próprios termos o conhecimento–emancipação. Assim, o estado de saber no conhecimento–emancipação passou a estado de ignorância no conhecimento–regulação (a solidariedade foi recodificada como caos) e, inversamente, a ignorância no conhecimento–emancipação passou a estado de saber no conhecimento–regulação (o colonialismo foi recodificado como ordem) (BOAVENTURA, 2011, p. 78-79).

É justamente desse modelo regulatório que o autor propõe que devemos nos livrar para podermos nos dedicar a um conhecimento que nos leve a emancipação, reconhecimento de valores humanos como sendo primordiais e essenciais. Como apontado na citação acima, a solidariedade de modo nenhum é algo caótico; mas sim a indiferença, a perda de sensibilidade e a falta de humanização. Acreditamos, assim, que o estudo de um tema tão essencial à vida dos seres humanos, como é a Ética, contribui para construção de uma formação solidária.

Há de levarmos em conta que a Ética não pode ser ensinada e aplicada como se faz com a didática, com a psicologia ou com uma fórmula matemática. Mas, por outro lado, o estudo sistemático ajuda a ter maior compreensão do que é, do que significa e quais as implicações para a vida docente e para a vida pessoal. Ajuda compreender que nossa vida está sempre relacionada consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Não temos como fugir dessa experiência relacional. O estudo faz com que o professor saiba o que está fazendo e quais as consequências de seu fazer.

Acima de tudo, precisa ser vivida e refletida na prática, nas condutas, no fato das pessoas fazerem o que precisa ser feito na sua prática docente, na escolha de o que proporcionar como conteúdo programático ou omitir. No entanto, o referencial teórico serve como balizador para construção do conhecimento. Não tem como ser bom professor se não praticar a docência com justeza, entusiasmo, comprometimento e ter conteúdo consistente e potente a ponto de contribuir para uma transformação de seus discentes. Um conhecimento que não seja rígido, mas flexível, tendo uma clareza teórica, ajuda e enriquece a prática e uma prática que ilumine a teoria, esse que é o movimento dialético da própria educação e do conhecimento.

Certamente não podemos partir do princípio de que todos sabem as coisas de antemão, por essa razão, o referencial teórico se faz necessário durante o processo formativo inicial e continuado de professores. É um erro pressupor que aqueles e aquelas que fazem o processo formativo tenham um conhecimento prévio e distinto sobre o assunto que estamos nos propondo a discutir.

Boaventura nos lembra que é preciso, na construção do conhecimento, superar a dualidade sujeito, objeto. Na modernidade, essas polaridades se confundem, trocam de lugar e de função, de tal sorte que “todo o conhecimento emancipatório é autoconhecimento. Ele não descobre, ele cria” (BOAVENTURA, 2011, p. 83).

Para criar, precisamos exercitar a criatividade, uma criatividade que seja crítica aos modelos dados de antemão prontos. Mais que em outros tempos, dada às rápidas mudanças, precisamos ser criativos/propositivos. Se alguns paradigmas da sociedade estão mudados por conta do próprio movimento que a humanidade faz e por conta da crise do Capitalismo que atinge a todos e castiga os mais pobres. Outros valores se mantêm e perduram, como por exemplo, o valor a vida e o respeito para com o outro, a solidariedade em contraposição ao egoísmo, à partilha ao cúmulo.

Dentro desta perspectiva de Boaventura de que um conhecimento criador, passamos para o próximo item, sempre enfatizando que a Ética é essencial a vida em tempos de mudanças epistemológicas, agora na forma do cuidado, para poder ter um olhar diferenciado para o tempo de mudanças que vivemos, ela amplia nossa compreensão de mundo e as relações que estabelecemos.

6.4 ÉTICA DO CUIDADO

Há que se cuidar da Vida,
 Há que se cuidar do Mundo,
 Tomar conta da Amizade.
 Alegria e muitos sonhos
 Espalhados no caminho,
 Verdes: planta e sentimento,
 Folhas, Coração, Juventude e Fé!
 (Milton Nascimento e Wagner Tiso - Coração de Estudante).

A palavra cuidado, talvez seja uma das palavras que mais caracteriza o ser humano. Mesmo que ele queira ser autossuficiente, desde o nascimento até a morte, precisa de cuidados e de cuidar. No processo formativo o cuidado se apresenta acompanhado com um olhar atendo e empático. De fato, nem todos conseguem desenvolver essa qualidade e essa virtude, mas acreditamos ser importante nesse tempo em que as pessoas vivem próximas virtualmente e distante, isoladas fisicamente.

Para assentar nosso entendimento sobre o cuidado se sí, ou a Ética do cuidado vamos recordar o mito de Higino:

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado¹⁹ viu um pedaço de barro. Logo teve uma idéia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e o Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: “Você, Júpiter, deu-lhe o espírito, receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada *Homem*, isto é, feita de *húmus*, que significa terra fértil” (BOFF, 1999, p. 46).

Esta fábula traz alguns elementos importantes que à luz da hermenêutica filosófica, podemos relacionar com a temática do cuidado de si, do outro e do mundo, e na formação de professores. É sempre oportuno que retomarmos essa fábula popularizada por Boff, que ele toma emprestado de Heidegger (*Ser e Tempo* volume I (2005, p. 263). A primeira questão é que o cuidado é essencial para o ser humano, como o próprio autor aponta, é o elemento que ficará responsável por acompanhar o ser, agora vivente, por toda a vida. Esse elemento está diretamente ligado à condição de existência, mais que a outras espécies, uma vez que o ser humano tem consciência da necessidade do cuidado no processo de se tornar autônomo para as funções vitais. Nem poderemos falar sob o aspecto intelectual, pois aí sim, iríamos precisar nos perguntar se um dia de fato nos tornamos autônomos.

A fábula nos lembra de que o ser humano é formado por vários elementos distintos, que na justa medida forma nosso ser como um todo, mas esses elementos por si não conseguem ter vida, precisam algo a mais, que vivifique esse ser. Na fábula, representado por Júpiter, divindade Romana responsável pela criação de todos os seres inclusive dos seres humanos, segundo Boff (2009, p. 61) Júpiter também significa “luz, brilho e clareza”, representando assim que nós seres humanos possuímos esses atributos em nossa essência, mas se não bem ordenados e orientados podem causar sombra sobre aqueles que estão a nossa volta.

¹⁹ Heidegger usa o termo cura, não no sentido de tratar de uma forma doente, mas no sentido amplo de que está sempre aí para ajudar...

Talvez, em alguns ambientes educacionais, essa possibilidade seja mais real do que imaginamos, por isso a necessidade do professor ter esse entendimento de que o estudante não é um aluno (sem luz), tabula rasa, mas possuidor de um brilho esclarecedor.

Saturno funciona como árbitro na discussão acalorada, e, se vamos parar para pensar, há necessidade de certo tensionamento para haver uma mudança significativa no educador, não sem antes vivenciar um processo profundo de reflexão. Poderíamos dizer que a Ética na formação possui função semelhante a que Saturno exerce na fábula, não como um árbitro autoritário, mas como um mediador entre tensionamentos e que, no fim de tudo, serve para fazer encaminhamentos quando não é possível consenso. A Ética não é instrumentalizável, por isso que ela tem um potencial emancipatório com o poder de dar elementos a serem discernidos e ser marco referencial em tempo de crises profundas, e finalmente, é a que dá a palavra final é referência como critério de discernimento em vista do cuidado e do bem comum.

6.4.1 Cuidado de si

O cuidado de si faz lembrar outro princípio célebre, a proposição de Sócrates: “conhece-te a ti mesmo”, para esse filósofo o mal era fruto da ignorância das pessoas, o mal é feito porque o bem não é conhecido. Nesse sentido, há uma necessidade de encontrar-se a si mesmo como origem do bem, é um mergulho para dentro de si, buscando a própria essência;²⁰ Boff (1999, p. 99) lembra que “Se não nos basearmos no cuidado, não lograremos compreender o ser humano”.

É no entrar para dentro de si e se reconhecendo como pessoa, ocupando-se de si, que é possível sair de si mesmo, e ir ao encontro do outro, ou então cuidar de outrem, tendo o devido cuidado para que não seja algo egoísta. Conhecer a si mesmo é conhecer de modo particular as limitações para poder assim fazer o bem que é essência do ser humano segundo Sócrates. Podemos dizer que a Ética é o

²⁰ Pois é dela que provem o processo de Educação como processo de desenvolvimento físico, psíquico, moral, intelectual, antropológico. Essência é o que a coisa é em última instância, ela específica e distingue. Ainda que muitos não gostem, educar é o processo de sair de si, tirar o melhor que tem de dentro para fora (ex+ducere), ser guiado por alguém para fora de suas próprias percepções em direção a um processo criativo. Sem esse processo de encontrar-se consigo mesmo na intimidade/ interioridade/essência não temos como falar de educação ou formação, apenas de ensino.

ponto referente para que o indivíduo possa viver a autenticidade, e agir, como lembra Limas Vaz (1999, p. 13).

Sob esse mesmo raciocínio, poderíamos dizer que só consegue viver eticamente e cuidar, quem conhece e sabe distinguir, quem a partir desse princípio autorreflexivo, olha e age de maneira a garantir a existência própria, de seus semelhantes e não humanos. Hans Jonas (2011, p. 47), ao desenvolver a teoria do “princípio responsabilidade”, chama atenção que nossa prática, precisa estar compatível com uma nova forma de agir humano: “Aja de modo que os efeitos da tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma autêntica vida humana sobre a Terra”. Acredito que esse princípio desenvolvido por Jonas, é fundamental para nossa existência, uma vez que aponta para uma Ética que ultrapassa o respeito individual. Mas coloca o ser humano como agente e formador dentro do todo. Lembrando que a vida humana tem uma dignidade particular e precisa ser vista numa perspectiva de continuidade.

Esse mesmo princípio, antes mesmo de Jonas, é desenvolvido pela Ética kantiana, quando propõe: “devo proceder sempre de maneira que eu possa querer também que a minha máxima se torne uma lei universal” (KANT, 2007, p. 33). Podemos perceber que o primeiro autor propõe algo referente a uma conduta moral, que implica sua existência o assento esta sobre o verbo agir e permanecer. Enquanto Kant sugere uma máxima que sirva para si mesmo e para os outros, uma Ética que o indivíduo está implicado diretamente e envolvido no processo de cuidar e ser cuidado, pois ele é um fim em si mesmo para esse autor.

O fim em si mesmo não é egoísta, narcisista, particularizado, mas relacional, que toma para si a responsabilidade de sua existência e de todos os que estão a sua volta de maneira a provocá-los a ter um agir e ser de maneira universal, aberto, reflexivo e, principalmente, coletivo, pois nesse espaço existe a possibilidade de se reconhecer como semelhante e pensar juntos propostas que sejam mais democráticas e proteja (cuide) dos mais vulneráveis, para que esses também possam permanecer existindo dignamente.

Só é capaz de cuidar de si quem é responsável e consciente de seu compromisso sócio educacional. O irresponsável não se compromete e não se preocupa com as consequências imediatas e futuras de sua reflexão e de sua ação. Se fazer responsável ao cuidado é saber que há uma relação direta e

comprometida, não só consigo mesmo, mas com outro, que ao revelar a sua face, mostra do sujeito o que ele mesmo nem conhecia, é um modo de ser no mundo,

Nesse sentido não se trata de falar e pensar *sobre* o cuidado como objeto independente de nós. Mas de pensar e falar a *partir* do cuidado como é vivido e se estrutura em nós mesmos. Não *temos* cuidado. *Somos* cuidado. Isso significa que cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na construção do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem cuidado deixamos de ser humanos (BOFF, 1999, p. 89).

Por essa razão o cuidado, para nós seres humanos, se estende para além de nós, implica a existência e a permanência nesse lugar, aliás, não tem como viver em outro lugar a não ser nisso que chamamos planeta terra.

Cuidado de si passa por uma questão de responsabilidade para consigo mesmo e com os outros seres, por isso responsabilidade é cuidado (JONAS, 2011, p. 352). “A responsabilidade é o cuidado reconhecido como obrigação em relação a outro ser, que se torna “preocupação” quando há uma ameaça à sua vulnerabilidade”. Essa afirmação é tão verás que sempre o cuidado é maior quando mais vulnerável for a situação, só dedica cuidado quem se faz responsável pelo mesmo, dedicando tempo necessário para tal. Freire (1996, p. 15), lembra aos professores que o exercício da docência implica em uma “responsabilidade ética”.

O cuidado enquanto tarefa do educador/educadora é o que dá sentido para a existência, ajuda curar as feridas (como já mencionamos no capítulo anterior) provocadas pelo isolamento e pouca valorização do profissional da educação. A palavra cuidar também pode ser traduzida por “curar”, ou seja, quando cuidamos estamos curando. Cuidar também implica em estar presente, uma presença atuante, propositiva, responsável. Como nos lembra Heidegger (2005, p. 261) “‘cura’ significa um fenômeno ontológico-existencial básico”, ou ainda:

[...] enquanto totalidade originária de sua estrutura, a cura se acha, do ponto de vista existencial a priori, “antes” de toda “atitude” e “situação” da presença, o que sempre significa dizer que ela se acha em toda atitude e situação de fato (HEIDEGGER, 2005, p. 258).

Dizendo de uma mineira diferente, Boff (1999, p. 96) afirma que o modo-de-ser, do ser humano no mundo é através do cuidado, capacidade de sentir ter compaixão. Não mais através da razão cartesiana que vê utilidade em tudo, mas sim descobrindo o “valor intrínseco às coisas”, o modo-de-ser do ser humano é cuidado e, como já dissemos, é ético. Além disso o modo do ser humano é ser

reflexivo sobre sua própria existência e seu fazer, modificando a si primeiramente e depois caminhar em direção aos outros, ainda que esse processo aconteça simultaneamente.

6.4.2 Cuidado do outro

Esse “eu” reflexivo tem a preocupação de cuidar de si para poder cuidar do outro, descobre a própria liberdade para vivenciá-la cotidianamente na relação com o outro. É um trabalho duro, pois exige tomar-se nas mãos, analisar friamente as forças de poder que nos influenciam dentro e fora de nós. A responsabilidade do cuidado com o mundo que começa em mim mesmo, é o eu individual que precisa ser cuidado primeiro para depois poder cuidar o que está fora de mim.

[...] a ética do cuidado de si, enquanto atitudes do sujeito para consigo mesmo, constitui-se em um conjunto de práticas e regras de existência que o sujeito dá a si e esse cuidado para consigo, transformando suas atitudes e sua subjetividade, torna a vida, metaforicamente falando, “bela”, culminando na compreensão desta como “estética da existência” (GALVÃO, 2014, p. 12).

Quando é apontada a necessidade de cuidar, primeiro de si para depois cuidar dos outros, inevitavelmente tocamos em um ponto sensível da prática docente. É a questão do desgaste emocional e o desânimo que os mesmos experimentam em suas atividades docentes. A pergunta já perguntada por diferentes autores é “quem cuida do cuidador”?

Ou ainda, quais espaços a formação inicial ou a permanente proporcionam para que esses profissionais tenham uma vivência de Si, um espaço para se fortalecerem como professor e para compreenderem as severas e drásticas mudanças deste tempo.

Espaços que possam se reconhecer e serem reconhecidos como sujeitos de um processo bem maior e permeado por conexões hora intelectuais, hora emocionais e antropológicas. Elas se dão simultaneamente em uma trama complexa e dialética; não há como dicotomisá-las e dizer que acontecem em horas diferentes.

6.4.3 O mundo como uma casa comum – por uma ética ambiental

Como vimos na definição proposta por Lima Vaz (1999, p. 39), Ética em sua origem etimológica “*ethos*”, remete à casa do animal, “*oikos*”, lugar onde habitam todos os seres, remete a um cuidado com o próprio ambiente que habitamos e nos relacionamos. Queremos retomar essa tradução nesse momento, pois ela expressa bem a implicância da Ética na formação. Se esses termos têm essa significação, então podemos dizer que Ética é a condição de existir e permitir que os outros existam.

Orientadora da conduta psíquica pondo-se a pensar a sabedoria humana dentro da história da humanidade.

[...] Ética como *ciência do ethos* segundo a qual, sendo ela uma reflexão explícita e sistemática do *Sujeito* ético sobre sua própria práxis na esfera do *ethos*, é, ao mesmo tempo e inseparavelmente, *ciência da ação moral* do agir ou é, pela própria natureza do seu objeto formal, uma *ciência prática* (VAZ, 1999, p. 74).

Por ela contribuir no processo de conhecimento, formação na prática das pessoas, por conseguinte na prática docente ela também em tempo atual de mudanças epistemológicas, pode estar contribuindo essencialmente para alargar o horizonte, ajudando na percepção de que o ser humano faz parte de um todo, está envolvido no ciclo vital como todos os outros seres vivos. Ao contrário do que a modernidade pensava, o ser humano não é o centro, mas faz parte, talvez como ser pensante e consciente de sua existência e responsabilidade, mesmo que não a exerça na sua totalidade.

Na era tecnológica, o conhecimento-emancipação pressupõe uma nova ética, uma ética que, ao contrário da ética liberal, não seja colonizada pela ciência nem pela tecnologia, mas parta de um princípio novo. [...] A nova ética não é antropocêntrica, nem individualista, nem busca apenas a responsabilidade pelas consequências imediatas. É uma responsabilidade pelo futuro (BOAVENTURA, 2011, p. 111-112).

Esse olhar para o futuro me parece encantador e desafiador, ao mesmo tempo é o fascinante e o tremendo juntos, pois se de um lado o desejo é se lançar inteiramente numa nova experiência e princípio orientador de vida de outro a tradição nos agarra, segura colados no chão da realidade da vida. Cada vez mais há uma consciência de que temos um compromisso com as gerações futuras. De modo

particular quando estamos dialogando com aqueles e aquelas que vão ou já estão trabalhando com ensino aprendizado de crianças.

Assim como Boaventura propõe uma “nova Ética” para formar pessoas autônomas e solidárias, Sanchez Vasques, quando retoma a questão histórica da moral, propõe que é preciso criar uma “nova moral”, que não sirva para justificar a exploração e a opressão, mas que proponha uma moral “verdadeiramente humana” e universal.

Uma nova moral, verdadeiramente humana, implicará numa mudança de atitude diante do trabalho, num desenvolvimento do espírito coletivo, na eliminação do espírito de posse, do individualismo, do racismo e do chauvinismo; trará também uma mudança radical na atitude para com as mulheres e a estabilizações das relações familiares. Em suma, significará a realização efetiva do princípio Kantiano que convida, a considerar sempre o homem como um fim e não como um meio (VÁZQUEZ, 2005, p. 52).

Essa nova proposta moral é vislumbrada a partir de uma ideia socialista de sociedade. Para além dessa nova proposta, precisa haver mudanças estruturais em toda a sociedade, na área “política”, “social” e “econômica”. Como de certa forma, essa mudança é um tanto utópica e complexa de ser implantada. A saída para formulação de uma nova Ética e de uma nova moral é justamente através da sistemática abordagem no processo formativo dos professores, uma vez que eles é que irão ser os multiplicadores na base da sociedade.

Formação que tenha como princípio educacional ético é urgente, pois forma cidadãos participativos, emancipados e que têm consciência de um compromisso social. Exercem sua cidadania de maneira crítica, autônoma e libertadora. E ser libertador é olhar ao seu redor e ver que o mundo não nasceu a partir de seu próprio umbigo, mas que faz parte de um todo, contribuindo positivamente para torná-lo melhor. O processo formativo precisa formar consciência crítica e, ao mesmo tempo, fomentar participação nos ambientes deliberativos e propositivos. Provocando em cada indivíduo um senso de justiça, promotores da paz, bem como a integridade de todos os seres existentes.

Atualmente não podemos falar em ecologia ambiental sem falarmos em ecologia humana, em economia solidária, em justiça social, em Ética, essas questões estão implicadas de tal forma que a vida em nosso planeta depende de uma mudança de atitude e de compreensão. O cuidado com todos os seres vivos e com o espaço (micro e macro) que habitamos é uma questão ecológica. Uma

compreensão mais recente dessa terminologia lembra que falarmos em ecologia é falarmos da distribuição de renda e da desigualdade social entre ricos e pobres. O acúmulo da parte de uns poucos é o que falta para outros tantos.

Diante do exposto até o presente momento, acredito que podemos vislumbrar e identificar que o estudo da Ética é relevante no processo da formação inicial e continuada de professores. Por ela ser uma ciência que se preocupa em estudar a conduta moral e, também, por ela ser uma maneira de pensar filosoficamente as relações morais construídas pelas pessoas em sociedade e, ainda, por ela ser uma ciência da casa comum. As definições arguidas sobre a Ética demonstram a abrangência e as implicações dessa ciência, mesmo que como subárea da filosofia.

Ela está inteiramente preocupada em refletir a vida e a relação entre as pessoas e com o que está em seu entorno, de modo particular, nesse tempo de uma virada epistemológica, onde pululam e se avivam polaridades das mais diversas naturezas. As diferentes compreensões de mundo e de relação precisam ter um fio que faça a costura do tecido social.

Na atual conjuntura educacional, e no modelo educacional que temos o espaço por excelência para tecer novas compreensões, durante a formação, sem dúvida, é a Universidade, mas também os espaços populares e de organização social, pois são as (o) guardiãs (o) que de fato realizam um cuidado e uma manutenção da casa comum. É nesses espaços que os atores sociais implicados podem ter uma visão mais ampla das urgências no que tangem às questões antropológicas e das Ecologias. Acima de tudo, como uma ferramenta potente de conhecimento, solidariedade, autonomia e responsabilidade com o outro (a). Este (a) outro (a) são aqueles meninos e meninas representados, de alguma forma, na história narrada no início deste escrito.

O mesmo progresso que nos trouxe até aqui pode nos levar à destruição, lembra Boaventura, seja intelectual, seja da natureza que nos rodeia. O cuidado nos lembra de que tudo se faz através de um processo, precisamos construir coletivamente, não um conhecimento fragmentado, isolado, que muitas vezes é perceptível dentro das Universidades sob o argumento de melhor assimilação de conteúdos; Boaventura nos lembra de que o conhecimento deveria ser mais democrático, menos vertical, que levasse em conta mais a experiência cotidiana e a transversalidade.

O exemplo mais palpável disso é o que acontece na natureza. A biologia vem ensinar à educação que no que chamamos de ecossistemas existem muitos outros micros sistemas que fazem o ecossistema existir ambos “aprendem” e trocam informações. Quando uma pequena parte entra em desequilíbrio todo o resto vai sofrer as consequências, por isso a necessidade do cuidado para que haja um equilíbrio razoável. Equilíbrio que ajude a avaliar a velocidade das mudanças e as consequências que estas provocam na vida das pessoas.

Nesse ponto podemos perceber a grande tarefa da Ética, a de ser referência em tempos de grandes mudanças seja epistemológica, seja a nível climático seja como relação dos seres humanos com a polis, ou seja, com as relações do ser humano. “A tarefa da ética é justamente descrever a estrutura ética que o homem vive em sua situação histórica vulgar e impensada” (DUSSEL, 1997/I, p. 40) Seja ela qual for e em que tempo histórico está situada.

As grandes mudanças ocorridas nos últimos tempos fizeram com que quase tudo a nossa volta mudasse também. Dada as grandes descobertas e mudanças que ocorreram nos últimos tempos, a concepção de relação social e conhecimento há 20 anos atrás, não são as mesmas que temos hoje.

As grandes mudanças transformaram inclusive nossa própria maneira de perceber a imagem de ser humano; hoje não há uma distinção tão clara entre sujeito e objeto quando falamos de pessoas e natureza, ao menos num sentido discursivo da questão. Quando nos referimos a cuidar, como já expusemos acima, precisamos ter presente que o cuidado com a natureza é cuidado de nós mesmo, o objeto que cuidamos é nosso próprio cuidador, dada a dependência que temos da relação, nesse sentido sujeito e objeto se confundem enquanto integrantes do mesmo espaço existencial.

Jonas em “Princípio responsabilidade, ensino de uma Ética para a civilização tecnológica”, vai nos lembrar de que o cuidado é uma tarefa nossa para o aqui agora, de modo particular em vista das futuras gerações humanas e não humanas e dos seres naturais. Nesta perspectiva a responsabilidade e o cuidado andam juntos.

O cuidado é tarefa do ser humano, como ser pensante, que sabe que sabe que tem consciência de si, mas integrado na natureza, corresponsável por aqueles que virão. Para fazer isso é preciso humildade e domínio de si, proposta que não é tão fácil, à medida que o ser humano sempre foi senhor da sua história e agora precisa se dar por conta que faz parte de um todo muito frágil e finito.

O professor tem um papel social importante na tarefa de mudança de percepção, pois ele possui um conhecimento (intelectualidade) que pode estar a serviço de toda a humanidade, ensinar e aprender a tomar certa distância em relação ao presente demasiado presente, que não deixa as pessoas pensarem para além de si mesmas. Como dizia Nietzsche, só é contemporâneo quem não é absolutamente identificado com seu tempo.

Ser e fazer Ética é tomar distanciamento, pular fora da compulsão de seu tempo, é uma exigência de quem quer se dedicar ao ofício da docência. A questão é que muitas vezes os próprios professores, se vem envoltos e tomados pelas preocupações de sua própria existência, nesse sentido o processo formativo se confunde com a própria vida, não dando possibilidade de olhar desde outro ponto de vista. É a própria existência gritando frente desafios responsáveis da docência.

Responsabilidade tem haver com a consciência do ser humano com os seus atos, tem relação com a concretude da vida, assim como a Ética tem uma preocupação por esse mesmo conteúdo, ou seja, a concretude da vida, uma vez que se vale desse conteúdo para formular suas discussões. O professor ao refletir sobre sua tarefa, vai perceber a responsabilidade Ética de seu ensinar, e que este implica um cuidado com o toda da humanidade, cada individualidade presente é uma janela aberta para o mundo e um particularidade em si mesmo. O ensinar particular de uma sala de aula implica em questões macro, muita além daquilo que é delineado através do conteúdo desenvolvido daquele núcleo particular.

7 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES – para colocar um ‘ponto’

No início deste trabalho convidei o leitor em um dia de primavera, a fazer uma caminhada. Mas, desde então, muitas estações se passaram, muitas primaveras, verões, invernos e outonos existenciais, estações de foro interior. Percebo-me nesse momento ainda caminhando, não como um andarilho que sai sem rumo, mas como alguém que caminha em direção ao horizonte do conhecimento. Conforme caminho em direção a ele, ele vai se distanciando também. Esse é um dilema de quem se põe no caminho da pesquisa científica, quando achamos que conseguimos definir com clareza nosso estudo, imediatamente percebemos através das leituras que o campo é mais vasto que imaginávamos.

Inicialmente havia uma grande expectativa, acreditava que “seria uma grande contribuição com o mundo científico”, neste momento me pergunto será que alguém vai ler tanto sobre tão pouco, a não ser a banca examinadora e o professor orientador. Por outro lado, acredito que isso não é o mais importante, pois eu me auto transformei com essa pesquisa e posso, no meu círculo de relação, propor novos olhares sobre o tema da Ética e da formação, e de modo particular esse estudo contribuiu com a minha formação pessoal e continuada, uma vez que meu horizonte de compreensão (estreito) tocou o horizontes alargado dos autores estudados.

Por isso prefiro chamar essa parte de “algumas considerações”, pois entendo que não é possível fazer uma conclusão como sendo fechamento absoluto, uma apresentação de resultados numéricos, um ponto final. Essa pesquisa desde sua concepção se mostrou um processo de diálogo e trocas que foi se revelando a cada capítulo escrito.

A partir do problema formulado, podemos dizer que um estudo sistemático e aprofundado dá mais ferramentas ao profissional da Educação para assim, refletir sobre seu fazer, além disto, transformar o próprio comportamento, uma vez que agrega mais elementos ao conhecimento de si e dos outros que antes não possuía, por ignorar tais implicações. E ao fazer o processo de compreensão e reflexão, ser mais sensíveis e atentos aos desafios do tempo atual nos impõe.

Nesse estágio da pesquisa, percebo que poderiam ser feitas outras abordagens além daquelas que já foram feitas durante o texto, e a pergunta que se impõe é, por que motivo não abordei? A resposta é porque não tinha esse

entendimento no início do processo e me dispus a fazer a caminhada que fiz. Era o entendimento que tinha há 22 meses, hoje vejo outras perspectivas, fruto do processo de amadurecimento e leituras feitas, o processo de compreensão não termina aqui na data prevista para término desse estudo, mas se abre de maneira inacabada.

Algumas considerações que ainda podem ser feitas sobre o tema da Ética na formação de professores, dizem respeito à questão da viabilidade, possibilidade de se ensinar a Ética, uma vez que não teremos certeza que esta será aprendida, ou internalizada, uma vez que isso depende do sujeito que faz o processo formativo. Mas, por experiência sabemos que SER Ético, refletir eticamente não é uma questão pura e simplesmente de ensinar, mas se aprende vendo os outros fazerem, e quando nos abrimos para aprender algo de alguma coisa.

O que provoca a mudança é precisamente o desejo de sempre refletir, avaliar, retomar, melhor as práticas individuais, unindo assim conhecimento e a reflexão em vista de uma vida feliz. Mas uma felicidade buscada em si mesma, como um fim em si mesmo, assim como indicou Aristóteles, não como meio para alcançar outra virtude. E nada mais feliz para o educador quando percebe que sua realização pessoal é a dos seus estudantes também.

Um estudo sistemático durante o processo formativo é imprescindível para compreender reflexivamente a própria prática de professores/as e suas implicações docentes, bem como contribuir para a formação de educadores/as com maior autonomia e mais criteriosos com relação à práxis e as repercussões sociais e políticas da mesma. Assim, o estudo dá referências mais seguras para saberem o que estão fazendo e sobre as consequências deste fazer na vida prática, tanto própria quanto da formação da consciência moral das crianças e adolescentes que estarão sob seus cuidados.

Estudar a Ética com rigorosidade acadêmica e, rigorosamente, como uma subárea da filosofia, é fundamental na formação inicial de professores, uma vez que é imprescindível para nos darmos conta do tipo de educação que fazemos e que incide na mudança de comportamento diante dos grandes desafios de nosso tempo, que são marcados por profundas mudanças e que acontecem rapidamente.

Acredito que esse estudo também contribuiu para refletir sobre os motivos de fazermos determinadas opções de estudos acadêmicos e outros não. Uma vez que o fim último da formação em pedagogia é trabalhar com crianças que estão em fase

de formação psíquica, física, emocional, formando sua consciência moral. Enquanto que olhando para outras áreas é obrigatório o estudo da Ética, como é o caso, por exemplo, da psicologia, medicina, enfermagem, biologia, etc. a área da formação de professores não desenvolve tal estudo.

Sabendo que esse estudo não está esgotado, mas que abre outras perspectivas de olhar a mesma temática entendo que essa pesquisa poderia continuar se debruçando sobre outras questões, como por exemplo, a questão da Ética e da estética, na perspectiva proposta por Nadja Hermann, principalmente por se tratar de dois grandes temas, apesar de terem tomado rumos distintos, sem dúvida convergem de maneira singular na pós-modernidade, uma vez parecer à estética determinar o comportamento e a postura das pessoas e a Ética demasiada racional sem a sensibilidade da arte e a beleza da estética.

A Ética na formação de professores da educação básica abre outra questão pertinente ao tema da formação acadêmica, é a questão que aqui chamo Teológica, talvez de teologia tenha pouco e muito de fundamentalismo religioso e como que essa prática afeta o comportamento moral e, por conseguinte as discussões sobre a temática da Ética e da formação. Um discurso que esconde a verdadeira face de ciência ou filosofia. No entanto é cada vez mais presente inclusive no meio acadêmico de maneira velada ou em alguns casos explicitas.

Ainda diria que essa temática nos provoca a identificar, que a falta deste estudo sistemático pode contribuir para desumanizar as relações dada a ausência de elementos necessários para superação da agressividade e violência expressas muitas vezes através de discursos e agressões mutuas e gratuitas. A falta de tal perspectiva talvez seja apenas uma suposição, uma das causas da incapacidade de mediar conflitos existentes. Instalando assim a barbárie em nossos dias, a intolerância nas relações com o diferente, e o fechamento para alteridade. Por isso a importância de uma Ética Latino Americana, pautada a partir do olhar do cuidado e do outro distinto.

Indico essas três perspectivas que julgo ser pertinente, mas tenho consciência de outros olhares e leituras abririam outras janelas que neste momento não conseguimos entrever.

O intuito foi refletir sobre esse tema tão valioso e rico para nós professores, mas acima de tudo lembrar que antes de ser professor em formação é uma pessoa que sente, reflete, se emociona e não fica indiferente ante os pequenos e grandes

desafios de nossa sociedade. Enquanto realizava a pesquisa muitas vezes me deparei com reflexões que pareciam colocar o ser professor antes de ser pessoa. E talvez essa seja a questão que vem primeiro: é nossa humanidade que precede todo o restante.

Ao abordamos a temática da Ética estamos lembrando essa dimensão humano – existencial que precisa ser cuidada e respeitada de maneira prioritária. Lembra-nos de nossa responsabilidade, de nosso compromisso de ser e se fazer cuidado uns para com os outros e principalmente com as gerações futuras.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 3. ed. totalmente rev. e ampl. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1998.
- AHLERT, A. **A eticidade da educação: o discurso de uma práxis solidária/universal**. Ijuí: Unijuí, 1999.
- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco: texto integral**. Trad. Pietro Nassetti, São Paulo, SP: Martin Claret, 2013.
- BERTICELLI, I. A. **A origem normativa da prática educacional na linguagem**. Ijuí: Unijuí, 2004.
- BOFF, L. **Saber cuidar: Ética do humano - compaixão pela terra**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BRITTO, F. de L. **Sobre o conceito de educação (Bildung) na filosofia moderna alemã**. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15522/15522.PDFXXvmi=60IRz9DfZmcdCzJTGZuufiC2tv2v3aqabN3LWG1W4_ebHOUBuT61apEcTbfpepRpBFsmDaoBeDMWslxxCF0N5E10Pgp5HhujxZHB96coK_0ldIUclBd9GRaGlr7O9pjtNib0sidR3eehWauilIsrBD9k6h9gHtK6NV7gek9izoBwz6Pk_PiNrWxM3fVkWp53d1bugvEz63aDChtx7NLzKJmOZi9WJf1xgcsxJ87PbitOAZNIMzixjGnj0xhJNil5ubD. Acesso em: 30 out. 2016.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CORTINA, A.; MARTINEZ, E. **Ética**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- DAYREL, J. **Por uma pedagogia das juventudes: experiência educativas do Observatório da Juventude da UFMG**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2016.
- DAYRELL, J.; CARRAO, P.; MAIA, C. L. **Juventude e Ensino Médio: Sujeitos e currículos em diálogo**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DUSSEL, E. **Para uma Ética da Libertação Latino-Americana: Acesso ao ponto departida da ética**. Piracicaba, UNIMEP, 1977a.
- _____. **Para uma Ética da Libertação Latino-Americana: II Eticidade e Moralidade**. São Paulo: Loyola, 1977b.
- _____. **Filosofia da Libertação Latino Americana**. São Paulo: Loyola, 1982.
- PORANTIM. Encarte Pedagógico X. **O Bem Viver Indígena e o Futuro da Humanidade**. dez. 2015. Disponível em: http://www.cimi.org.br/pub/Porantim/2015/Encarte_Porantim381_dez2016.pdf. Acesso em: 16 out. 2017.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 41. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 43. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADAMER, H.-G. **Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

GALEANO, E. **O Livro dos Abraços**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2009.

GALVÃO, B. A. A ética em Michel Foucault: do cuidado de si à estética da existência. **Intuito**. v. 7, n. 1, p. 157-168, jun. 2014. Disponível em: File:///D:/Mestrado/A%20%C3%A9tica%20em%20Michel%20de%20Foucault%20%20Do%20cuidado%20de%20si%20a%20%C3%89tica%20da%20existencia.pdf. Acesso em: 21 fev. 2018.

GRONDIN, J. **Hermenêutica**. tradutor Marcos Marcionílio. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e Tempo**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. Disponível em: file:///D:/Mestrado/Grupo%20de%20Estudo%20FILGEM/HEIDEGGER,%20Martín.%20Ser%20e%20tempo,%20parte%201.pdf. Acesso em: 12 jan. 2018.

HERMANN, N. **Hermenêutica e educação**. (o que é preciso saber sobre). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

JONAS, H. **O princípio da responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2011.

KANT, E. **Sobre a Pedagogia**. Piracicaba: Unimep, 1996.

KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. 70. ed. LDA. Livro em pdf. set. 2007.

KRONBAUER, L. G. Relações Pedagógicas II (pais - filhos). In: **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre: PUC, n. 3, p. 27-35, 1997.

_____. **Distinguindo a Ética da Moral**. 1998. Disponível em: http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/etica/etica_moral.pdf. Acesso em: 02 out. 2017.

_____. O Que é ética? In: **Jornal O Contemporâneo**. (edição especial em homenagem aos 50 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos), n. 11, ano II, abr. 1998.

_____. **Hermenêutica Filosófica – Perspectivas para a pesquisa em Educação**. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/2106>. <https://pensador.uol.com.br/frase/MTA2Nw/>. Acesso em: 20 set. 2017.

KRONBAUER, L. G. **Heidegger e a questão da técnica: como habitar poeticamente a terra na era Tecnológica**. 2015. Disponível em: https://www.periodicos.unifra.br/index.php/thaumazein/article/viewFile/1394/pdf_1. Acesso em: 08 out. 2017.

_____. Para pensar o ensino de Ética ou a educação moral. In. BRONDANI, C. (Org.). **Ensino de filosofia: Proposta e reflexão**. Chapecó, p. 61-61, 2015.

LEVINAS, E. **Totalidade e infinito**. 3. ed. Edição 70, LTDA. Lisboa, abr. 2014.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso: o principio da pesquisa**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MORIN, E. **Ciência com Consciência**. Trad, de Maria D. Alexandre e Maria Sampaio Dória. Ed. revista e modificada pelo autor. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2005. Disponível em: http://www.filosofiatematica.ufpa.br/index_htm_files/ciencia_com_conciencia.pdf. Acesso em: 10 out. 2017.

_____. **A via: Para o futuro da humanidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. 1992. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4758/1/FPPD_A_Novoa.pdf. Acesso em: 23 out. 2016.

_____. **Professores. Imagens do futuro presente**. Lisboa: EDUCA, 2009.

OLIVEIRA, V. F. de. **Imaginário Social e Escola de ensino Médio**. 2. ed. ver.e amp. Ijuí: Ed. Ijuí, 2005.

PAOLI, M. C. **Diálogos com Marilena Chauí**. São Paulo: Editora Barcarolla: Discurso Editorial, 2011.

POIRIÉ, F. **Emmanuel Lévinas: ensaios e entrevistas/François Pierié; [tradução]**. Guinsburg, Marcio Honorio de Godoy e Thyago Blumenthal]. São Paulo: Perspectiva, 2007.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

RIOS, T. A. **Ética e competência**. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SEVERINO, A. J. **A metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, L. E. da. **Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais**. Porto Alegre: Sulina, p. 296, 1996.

SILVA, R. R. G. da. **Direito Autoral propriedade intelectual e plágio**. Salvador: EDUFBA, 2014.

SOSA, M. **Corazón Libre**. Google Play Music, 2004. Disponível em: https://play.google.com/music/preview/Ta3vdz7rtuvhdmzpfthlunkvp4a?lyrics=1&utm_source=google&utm_medium=search&utm_campaign=lyrics&pcampaignid=kp-songlyrics. Acesso em: 14 ago. 2017.

SUSIN, L. C. **O homem Messiânico**: Uma Introdução ao pensamento de Emmanuel Levinas. Petrópolis: Vozes, 1984.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. **Esboço de uma problemática do saber docente**. Teoria & Educação, v. 1, n. 4, p. 215-253, 1991.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 11. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TEIXEIRA, C. M.; DAL MORO, S. M. **Fontes Franciscanas**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

UFSM. Universidade Federal de Santa Maria. **Documentos**. Santa Maria, 2017. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/prograd/index.php/documentos/ppcs-projetos-pedagogicos/8-paginas/10-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 13 jun. 2017.

VAZ, L. **Escritos de Filosofia IV** – Introdução à Ética Filosófica 1 – São Paulo: Loyola, 1999.

VÁZQUEZ, A. S. 1915-, **Ética**. 27. ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2005.